

O GALO

ANO XIII - Nº 02 - Fevereiro, 2001

NATAL-RN FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

José Melquíades de Macêdo

Romancista, professor, memorialista e biógrafo, José Melquíades ocupa hoje um lugar destacado no meio intelectual natalense. Em entrevista exclusiva a O GALO, ele fala sobre o seu novo romance, *A Morte do Goitizeiro* – que será lançado em março, sobre a vida literária norte-rio-grandense, e sobre as *Memórias de um ex-seminarista*, em preparação.

Mais: textos de Manoel Onofre Jr., Claudio Galvão, Hildeberto Barbosa Filho, Nelson Patriota, Gilberto Avelino, Ana Claudia M. da Fonsêca e dois ensaios sobre Auta de Souza.



03 ENTREVISTA

O escritor, professor e ex-seminarista José

Melquíades fala de seu novo livro, *A Morte do Goitzeiro* (Prêmio Câmara Cascudo 1999), romance que lança em março. Melquíades traça um paralelo entre *A Morte do Goitzeiro* e o seu primeiro romance, *Juca Porfiro*, rememora fatos ligados à sua vida de seminarista, suas amizades literárias, sua carreira de professor, a viagem aos Estados Unidos e o livro que escreveu sobre essa experiência. Anuncia ainda a preparação de suas *Memórias de um ex-seminarista*, livro que espera lançar no ano que vem.

Centenário de Auta de Souza

11 Santa Auta

Manoel Onofre Jr.

13 Auta de Souza e a música popular -
Claudio Galvão

ENSAIO

15 Dia de Feira

Ana Cláudia Mafra da Fonsêca

19 Alguns destaques literários de 2000
Caio Flávio Fernandes de Oliveira

20 Poetisa Olda Avelino
Gilberto Avelino

22 Uma antologia poética e alguns problemas
Nelson Patriota

22 T. S. Eliot - tradição e talento individual
Hildeberto Barbosa Filho

25 Planos de linguagem em "A cabeça no fundo do entulho"
Maria da Paz Ribeiro Dantas

27 Cascudo vive!
João da Mata Costa

28 Série "Crônicas de José Lins do Rêgo"
Jorge de Lima e a Academia

29 Pois é a Poesia - Marise Castro

30 Correio do Galo

31 Lançamentos

32 Carnaval - Poema e desenho de Dorian
Gray Caldas

Pontos de mutação: entrevista e ensaios

Dois destaques dão um toque diferenciado a esta edição de O GALO. O primeiro, é o bloco editorial que se reporta ao escritor José Melquíades, contendo, além de entrevista, excertos do seu novo romance e vasto material iconográfico. O segundo, refere-se à abertura de matérias que têm como foco o centenário de morte da poetisa Auta de Souza, efeméride que começa a ser comemorada este mês e deve estender-se até fevereiro de 2002.

A entrevista refaz momentos importantes da trajetória intelectual do ex-seminarista José Melquíades desde quando deixou o seminário, em 1948, até a atualidade, passando pelos diversos pontos de mutação que marcaram sua vida: a bolsa de estudos para os Estados Unidos, em 1970, o lançamento do livro *Os Estados Unidos, a Mulher e o Cachorro*, reflexões sobre aquela viagem; a formação do Clube dos Inocentes, nessa mesma década, a conquista do prêmio literário Câmara Cascudo, em 1999, etc. É, portanto, uma trajetória rica e mutável, que faz de José Melquíades um escritor de perfil singular no meio intelectual natalense. Um erudito dotado de um humor nem sempre sutil, por vezes cáustico, Melquíades não vacila diante das perguntas, como não vacilou nas graves decisões que tomou seguidamente no curso de sua vida.

O bloco comemorativo do centenário de morte de Auta de Souza estréia com textos de dois especialistas na poetisa macaibense: o crítico literário Manoel Onofre Jr. e o musicólogo Claudio Galvão. Onofre Jr. atualiza a bibliografia de Auta de Souza, que não cessa de crescer; o pesquisador Claudio Galvão situa a obra da poetisa em sua vertente musical popular.

O ensaio texto-fotográfico da doutoranda Ana Cláudia Mafra da Fonsêca enfocando a dinâmica das feiras do Alecrim, em Natal, e de Currais Novos, se detém sobre aspectos comportamentais dos feirantes e coloca sob a lupa da pesquisa acadêmica uma das manifestações mais autênticas da cultura popular.

Na seqüência, ensaios de Gilberto Avelino sobre a poetisa Olda Avelino e de Maria da Paz Ribeiro Dantas sobre o livro "A cabeça no fundo do entulho", de Fernando Monteiro; Hildeberto Barbosa Filho comenta a poesia de T. S. Eliot e Nelson Patriota escreve sobre sobre o recém-lançado "100 poetas de Mossoró". Caio Flávio Fernandes de Oliveira fala de alguns destaques literários de 2000. A série «Crônicas de José Lins do Rêgo» traz «Jorge de Lima e a Academia». Em sua coluna «Pois é a Poesia», Luís Carlos Guimarães analisa a poesia de Marize Castro, enquanto Dorian Gray Caldas assina e ilustra o poema «Carnaval».

Atenciosamente,

O Editor

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO

Governador

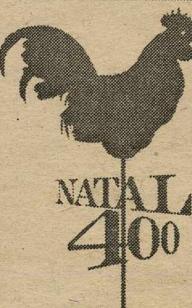
Fundação José Augusto

WODEN MADRUGA

Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA TORRES
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota

Editor

Tácito Costa

Redator

Colaboraram nesta edição: Gilberto Avelino, Dorian Gray Caldas, Luís Carlos Guimarães, Claudio Galvão, Manoel Onofre Jr., João da Mata Costa, Hildeberto Barbosa Filho, Maria da Paz Ribeiro Dantas, Caio Flávio Fernandes de Oliveira, Ana Cláudia Mafra da Fonsêca e José Melquíades.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020-220 - Tel (084)221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

E-mail do editor: nelson@digi.com.br

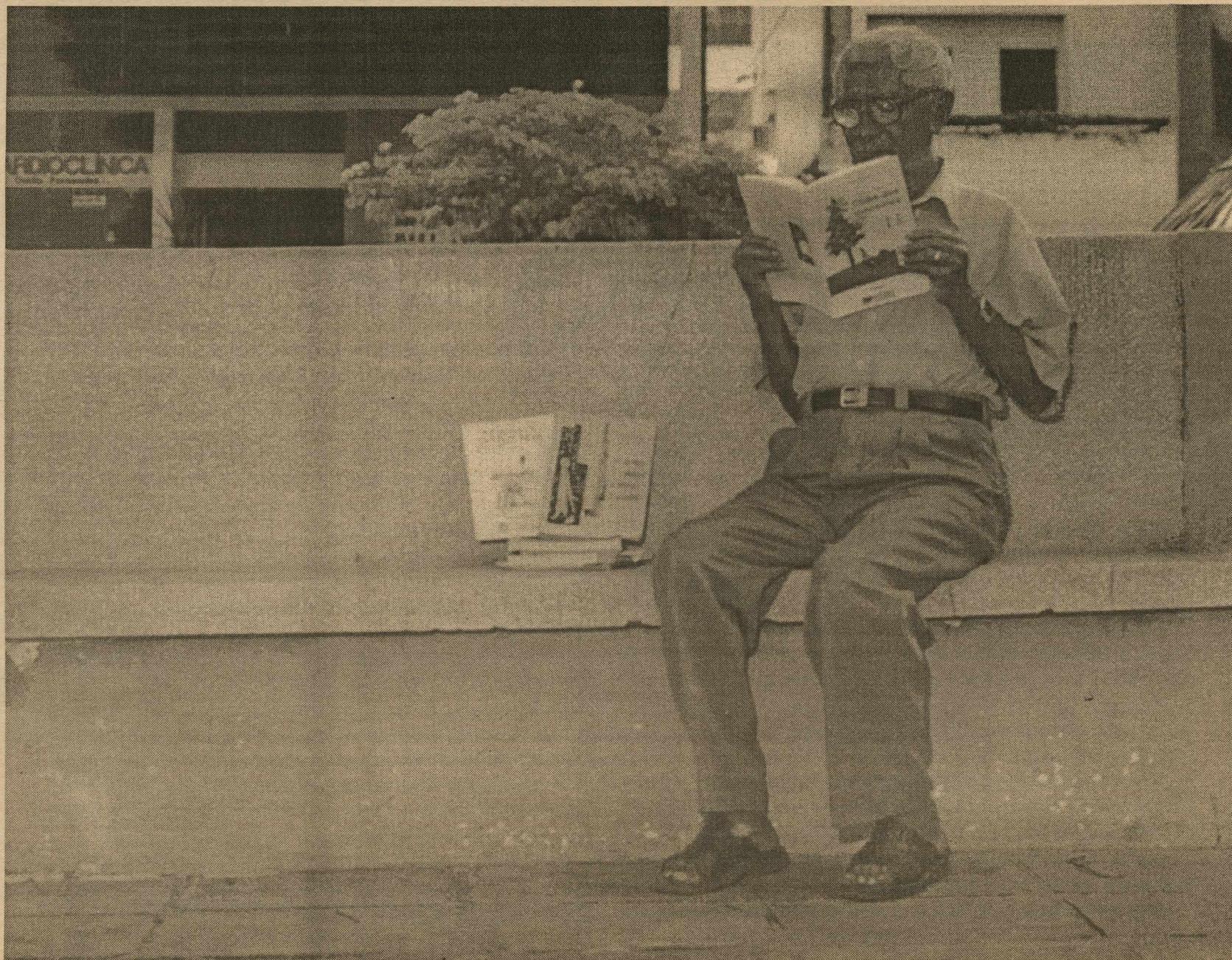
O GALO

Jornal Cultural

José Melquíades

Romancista bissexto, professor de três gerações de natalenses, conhecido pela sua erudição e sua verve voltairiana, biógrafo e memorialista com vários títulos publicados, José Melquíades, 76 anos, é uma testemunha privilegiada da vida cultural natalense a partir da segunda metade do século XX, seja como observador, seja como agente, haja vista suas ligações de amizade com grandes nomes da cultura norte-rio-grandense deste século, como o historiador Luís da Câmara Cascudo.

Trinta e quatro anos depois da publicação de *Juca Porfiro*, sua estréia no romance, José Melquíades retorna ao gênero com o lançamento, em março, de *A morte do Goitizeiro*, livro que conquistou o 1º lugar no concurso literário Câmara Cascudo de 1997. Em entrevista exclusiva ao editor de O GALO, jornalista Nelson Patriota, José Melquíades conta detalhes do livro, fala do seu método de trabalho e comenta fatos e pessoas ligadas à vida cultural natalense de sua geração.



Um escritor motivado por desafios

O GALO - Mais de trinta anos separaram seu primeiro romance, "Juca Porfíro", do segundo, "A Morte do Goitizeiro". Por que você levou tantos anos para voltar ao romance?

JOSÉ MELQUÍADES - Porque sempre fui perfeccionista no meu trabalho literário e depois de "Juca Porfíro", que foi bem recebido pela crítica, quando o lancei em 1977 (o livro foi menção honrosa no concurso Câmara Cascudo de 1967) eu só

admitia escrever um outro romance se pudesse fazê-lo sob as condições ideais. Por isso, só agora apresento o livro à apreciação do público.

O GALO - Você se impôs o mesmo critério para escrever Juca Porfíro?

J. M. - Não. Juca Porfíro foi um desafio que fiz a mim mesmo. Eu tinha lido *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Wilde havia escrito esse que seria seu único romance em três meses para provar que seria capaz de escrever um texto mais longo. Eu me impus também o mesmo desafio:



Com o lançamento de *Os Estados Unidos, a mulher e o cachorro*, livro com duas edições esgotadas, José Melquíades deu o passo inicial para a construção de sua obra literária

fio: escrever um romance em três meses. E o fiz. Foi editado em Brasília e a primeira edição esgotou-se em três meses.

O GALO - Quando você começou a escrever "A morte do Goitizeiro"?

J.M. - Quando eu saí do seminário, em 1948, idealizei escrever um romance. Fui escrevendo, escrevendo e encostando. Passados uns anos, eu tornava a reler - a linguagem parecia muito rebuscada, desatualizada... Eu encostava o livro. Tempos depois, pegava o texto e refazia tudo. Nesse vaivém eu levei quinze anos, até que

UMA VIDA DE RESPONSABILIDADE INTELECTUAL

Jurandyr Navarro

A vida de José Melquíades de Macêdo é toda ela repleta de responsabilidade intelectual.

O Seminário, a casa da oração e da formação eclesiástica, formou o seu espírito no período da juventude. Lá, também foi enriquecido pelo estudo de humanidades e depois das disciplinas superiores - Filosofia e Teologia. Aprendeu, ainda, o idioma do Lácio que tanto lhe serviu na cátedra do Colégio e da Universidade.

E essa formação intelectual foi por ele reconhecida, a ponto de, depois do exame vestibular para Direito, ele escrever um belo artigo sentimental, na imprensa, sob o título sugestivo: "Obrigado, Seminário".

Reconhecimento de público de que não fora um tempo perdido, o que passou debaixo do teto do velusto casarão do Tirol.

Além de saber a língua latina, José Melquíades domina o inglês, tendo sido mestre do tradicional Curso Brasil-Estados Unidos.

Conhecedor dos segredos mais íntimos dos dois idiomas, através deles granjeou admiração das gerações a que ministrou seus ensinamentos.

Pari passu à aprendizagem de línguas estrangeiras, aprendera bem o idioma pátrio, no qual expõe admiravelmente trabalhos literários.

Munido dessa ferramenta preciosa, Melquíades a utiliza com maestria, nos seus pronunciamentos grafos e ágrafos. E realmente o faz através da dádiva ofertada pela Natureza - a Oratória. A sua eloquência é assaz conhecida nos diversos ambientes intelectuais que transita.

José Melquíades exerceu a docência pública no Atheneu,



noutros colégios e na Universidade. Criou boa fama como Professor pela competência demonstrada.

Foi Promotor Público, em certo período, atuando com brilhantismo na Comarca de Natal participando do Tribunal do Júri. Também participou da Política, sendo o PTB, a sua facção.

Pertence à Maçonaria, à qual tem dedicado longos anos.

Teve ele uma vida repleta de atividades intelectuais e sociais. Na Academia de Letras se sobressai pelo talento oratório e lingüístico.

De espírito sempre bem humorado, deleita-se como poucos na arte da conversarão nas rodas sociais e da boemia.

Vida rica de labor espiritual, toda ela vivenciada em teorização de idéias, decorrência de seus estudos, confirmando o pensamento de Hegel, para quem o trabalho teórico realiza mais no mundo do que o prático, e conclui: "se o poder das idéias não for agitado, a realidade não persiste".

Ostenta uma verve satírica que maneja com inteligência. De alma curiosa faz questionamentos. A polêmica é um dos gêneros literários usado na sua literatura. Discursando, expõe bem o pensamento alado.

Conversando, o faz com naturalidade.

O tesouro que mestre Melquíades amealhou na sua existência tumultuada de afazeres intelectuais é inesgotável, porque o saber perdura por toda eternidade.

Verdade que, de alguma forma, confirma a sentença de Unamuno: "A riqueza sem arte é barbárie, só tendo valor o que proporciona Cultura".

(Extraído de « Rio Grande do Norte - Oradores...»).

Jurandyr Navarro, norte-rio-grandense, é autor, entre outros livros, de "Rio Grande do Norte - Oradores (1889-2000)"

finalmente entreguei os originais a Waldson Pinheiro para que ele fizesse uma leitura crítica. Waldson leu e fez um reparo: o livro estava muito bom, mas curto, e sugeriu que eu enxertasse mais alguns capítulos. Pela décima-sexta vez, peguei o texto e acrescentei mais uns dez capítulos e o levei novamente ao prof. Waldson.

O GALO – Ele se deu por satisfeito?

J.M. – Sim, mas fez ainda um reparo, porque nesse namoro que você descreve tão bem entre os dois jovens, você poderia ter engravidado a heroína, disse ele.

O GALO – E qual foi a sua reação?

J.M. – Levei na esportiva, mas lhe lembrei que, como eu, ele também tinha sido seminarista e não ficava bem falar daquele jeito entre ex-colegas de seminário. De forma que, toda vez que leio essa passagem no livro lembro do prof. Waldson.

O GALO – Embora o livro ainda esteja inédito, ele já teve alguns leitores. Como reagiram esses primeiros leitores?

J.M. – Como fiz várias cópias do livro, enviei-as a amigos, alguns escritores, e a pessoas ligadas à literatura, para saber a opinião deles. Alguns não acusaram resposta. Imagino que não chegaram a ler o livro. Mas outros me escreveram e, em geral, foram opiniões muito favoráveis, como as de Diógenes da Cunha Lima, de Luís Carlos Guimarães, de Salésia Dantas e Ubiratã Queiroz. Manoel Onofre Jr. foi o maior entusiasta. De modo que estou muito satisfeito, porque não pedi elogios a ninguém e os recebi em quantidade.

O GALO – E como foi o processo de publicação de ‘A morte do Goitizeiro’?

J.M. – Aconteceu que eu mostrei os originais do livro a Valério Mesquita, meu amigo e irmão e confrade de Academia de Letras e da maçonaria. Ele se empolgou tanto com o livro que o levou ao governador Garibaldi Filho, conseguindo sua publicação pelo Departamento Estadual de Imprensa.

O GALO – O livro se enquadra numa tradução ruralista que remete ao ro-



José Melquíades posa ao lado de Veríssimo de Melo e de Luís da Câmara Cascudo, companheiros do “Clube dos Inocentes”, e que teria em Melquíades o seu principal historiador.



Lançada em 1968, a biografia do padre Francisco de Brito Guerra, escrita por José Melquíades, esgotou-se em pouco tempo e teve nova edição tirada em 1987.

mance regional nordestino de 30. Você admite essa filiação?

J.M. – Vejo *A morte do Goitizeiro* mais como um romance de costumes, uma tradição muito antiga. É um romance descontínuo, pois começa de diante para trás. O narrador, já velho, remoça à medi-



José Melquíades, Aramundo Fagundes ao centro e Diógenes da Cunha Lima

da que vai fazendo sua narrativa. Esse tipo de ficção foi usado na Inglaterra por Daniel Defoe no *Robinson Crusoé*. Edgar Allan Poe, ao fazer uma análise crítica do seu famoso poema *O corvo*, diz que começou a escrevê-lo de trás para a frente.

O GALO – Na literatura brasileira há exemplos desse modelo de narrativa?

J.M. – Há. Machado de Assis utilizou o mesmo modelo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. Mas Machado não imitou os ingleses, apenas se inspirou ne-

les; eu também não os imitei, apenas tomei-os por modelo.

O GALO – A certa altura do seu livro, um personagem diz: “Se queres encontrar a Deus, afasta-te das igrejas”. O autor concorda com o que diz aqui sua criação?

J.M. – No livro, criei dois personagens anárquicos e pessimistas. Um deles é um teólogo que se torna descrente de todo tipo de religião, que é o tio Raphael. Ele é que se encarrega de fazer essa afirmação. Essa frase repetida por tio Raphael ele a leu de alguém. Esse alguém, que eu não cito no romance, é Mark Twain.

O GALO – Quem é o outro personagem?

J.M. – Esse personagem é o Neves, amicíssimo do narrador ao ponto de compartilharem a paternidade de um filho. Não sei como criei essa situação, porque depois disso eu mesmo fiquei surpreso como fui capaz de criar uma situação tão singular como essa. Há uma fina ironia machadiana na dúvida final em que imergem os personagens. Foi o meu último rasgo de coragem, e que me deu a chave para a conclusão do livro.

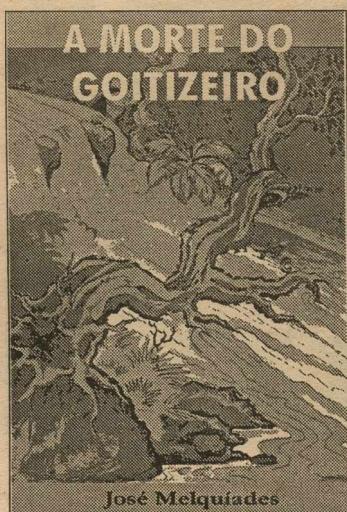
O GALO – Que outro desfecho você imaginou para o livro?

J.M. – Imaginei um duelo atrás da igreja, altas horas da noite. Depois achei que isso era muito sem sentido. Comecei a mudar esse desfecho. O meu problema foi o pedido de Waldson para que eu acrescentasse novos capítulos ao livro.

Trecho de A Morte do Goitizeiro

Meu tio Raphael

Que figura! Já ia me esquecendo de apresentá-lo, esse homem que tanto me influenciou, no caminho de minha vida. Era um homem intelligentíssimo. Conhecia bem o latim e o grego, falava diversas línguas e era muito espirituoso. Tinha uma forma especialíssima de rezar. Ele mesmo criou a sua própria oração: a oração do tio Rafael era diferente das invocações convencionais. Rezava desse modo: «*Senhor, enquanto puderes esquecer esse Teu servo, aqui na terra, Senhor, esquece-o. Se meu lugar está reservado lá no céu, Senhor, não tenho pressa em lá chegar. Ainda não estou preparado para habitar o Teu reino.*



"Senhor, enquanto puderes esquecer esse Teu servo, aqui na terra, Senhor, esquece-o. Se meu lugar está reservado lá no céu, Senhor, não tenho pressa em lá chegar. Ainda não estou preparado para habitar o Teu reino."

contento-me com a idade do seu pai Enoque, arrebatado aos céus nos seus bem vividos 366 janeiros. Só assim, Senhor, poder-Te-ei ser mais útil, neste mundo, e me encantar com a Tua grandeza. Há tanta gente ruim e até pior do que eu de quem podes Te lembrar hoje, para felicidade de todos nós, Teus humildes servos, aqui na terra. Senhor, enquanto puderes esquecer esse Teu servo aqui na terra, Senhor, esquece-o. Amém». Era essa a oração de tio Raphael.

Ele justificava: ora, Manu, são milhões e milhões de crentes e devotos que, todas as noites, invocam o Senhor pedindo-lhe que se lembre deles e repetem, convictos: Senhor, lembra-te de mim. É justo, razoável e salutar que o Senhor se lembre deles e me esqueça. Veja o exemplo de Dimas: pediu a Jesus que o levasse consigo, no que foi prontamente atendido.

Eu vivi o drama dos personagens, embora nunca tivesse viajado de navio nem ido à Europa, nunca tenha cavalgado, embora meu pai tivesse cavalo e montasse bem.

O GALO – Mas o narrador tem muito do autor. Por exemplo, viveu uma infância rural, tem interesse por questões culturais complexas, formou-se em advocacia...

J.M. – É verdade, todo ficcionista não é genuinamente ficcionista, ele tem que se inspirar em alguma coisa retirada de sua própria vivência, mas de forma disfarçada, para que não seja confundido com autobiografia. Foi o que fiz. *A Morte do Goitizeiro* não deixa de ser um livro memorialista, com elementos autobiográficos. Mas não é só isso. Por exemplo, como eu fui seminarista, troquei a profissão do narrador pela de advogado. Há uma meia verdade aí, porque realmente me formei em advocacia, mas nunca bolei banca de advogado, sempre atuei esporadicamente na advocacia. Já se eu tivesse botado o narrador como semina-

rista, todo mundo ia dizer que meu livro era autobiográfico. Para evitar que isso acontecesse, meu narrador é advogado, profissão que pouca gente sabe que exercei um dia.

O GALO – Como você vê o seu romance no contexto da literatura norte-rio-grandense?



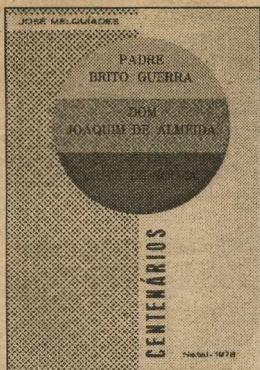
O bairro de Santos Reis, onde vive, inspirou a José Melquidades esses dois livros que, cada qual a um modo, retrata uma parte da história do bairro onde surgiu o primeiro povoamento da futura cidade do Natal.

J.M. – O fato é o seguinte, o Rio Grande do Norte tem uma floresta imensa de poetas e um canteiro mínimo de ficcionistas, sendo alguns de fora. Eulício Farias de Lacerda, por exemplo, um dos nomes mais conhecidos da nossa literatura, é paraibano. Waldson Pinheiro, que teve seu livro *A pedra que fala* publicado recentemente com uma apreciação minha, é pernambucano. Norte-rio-grandenses são Antônio de Souza, Aurélio Pinheiro, Nei Leandro de Castro, Nilson Patriota, Moacir de Góis. Eu me situo como um romancista genuinamente do Rio Grande do Norte. Nessa floresta poética de cxbolinhas verticais e aromáticas, cmo ficcionista, sou um arbusto do coentro. Na minha imaginação, o Rio Pitanga é o Rio Potengi, Matagatos é Natal, Igreja Velha fica ali entre Igreja Nova e Macaíba. Fiz como Faulkner: criei o meu próprio cenário, que venho utilizando desde "Juca Porfiro". Apesar de fictício, tem muitos elementos que podem ser identificados na nossa realidade.

O GALO – Você começou publicando um livro de impressões da viagem que fez aos Estados Unidos. O título é curioso: "Os EUA, a Mulher e o Cachorro". Por que esse três substantivos ordenados?

J.M. – Esse é o livro que lancei quando cheguei dos Estados Unidos em 1960. Sua primeira edição esgotou-se no mesmo ano e tirei uma segunda edição, que também está esgotada. A razão do título deve-se ao seguinte: meu desejo era conhecer os Estados Unidos, naquele tempo, um paraíso. Lá me familiarizei com o seu povo. A mulher é dominante em atraircal. O cachorro lá é mais bem tratado e mais respeitado do que mesmo a criança. Daí a razão do título *Os EUA, a Mulher e o Cachorro*. Era o meu sonho ir para lá e ver tudo aquilo. Depois enveredei pela história e escrevi *O Padre Francisco de Brito Guerra, um Senador do Império*, que foi muito bem aceito, vendeu duas edições. Escrevi depois três ensaios: *Literatura japonesa* reflete a minha experiência nos Estados Unidos e depois em Natal, com os japoneses em Pium, quando eu era delegado do SAPES e tinha contato com eles por razões comerciais. Nos Estados Unidos, em que dei um curso de literatura brasileira e português, como me sobrava tempo, comecei a aperfeiçoar na biblioteca da universidade os conhecimentos que vinha acumulando sobre a cultura japonesa.

O GALO – Você chegou a estudar a



Biógrafo de figuras ilustres do clero norte-rio-grandense, como no livro "Centenários", de 1978, José Melquiades ganhou menção honrosa em 1967, no prêmio Câmara Cascudo, com o romance "Juca Porfiro".

língua japonesa e ler seus autores no original?

J.M. – Sim, estudei, mas não cheguei a ler japonês. Os autores que li foi em traduções inglesas. Os caracteres japoneses requerem muito tempo de estudo, tempo que eu não dispunha. Em compensação, cheguei a falar japonês e, é interessante, os sons em japonês são muito parecidos com os do português, embora tendo significados totalmente diferentes do português. Basta lembrar que cientista em japonês é **kagaku**.

O GALO – Depois desse ensaio, o que você escreveu?

J.M. – Escrevi mais três ensaios: *Auta de Souza*, reeditado em Macaíba, dentro das comemorações do centenário de morte de Auta, agora em fevereiro, *O padre Guerra*, e *Dom Joaquim Antônio de Almeida*, que foi o meu mecenas, o homem que me educou. Abrangi quase todos os gêneros. Até escrevi poesia, mas não publiquei.

O GALO – Mas em "A Morte do Goitizeiro" há vários poemas. Foram escritos especialmente para o livro ou estavam na gaveta esperando o contexto oportuno?

J.M. – Escrevi os poemas especialmente para o Neves, de *A morte do goitizeiro*. O Neves é um personagem que descrevo como "agnóstico à maneira de Huxley ou gnóstico à maneira de Basílides", ou seja, aquele que crê em Deus, mas não num Deus que tenha envolvimento com a Criação.

O GALO – E qual a sua opinião sobre esse problema de Deus?

J.M. – Eu sou um cético. Creio em Deus, creio numa força superior, mas não creio mais como eu criei no meu tempo de seminário. Eu me livrei dessa parte. Acho a liturgia uma coisa forçada, uma fantasia do culto, de modo que nesse ponto o Neves se parece muito comigo. Mui-

tas pessoas vão confundir as idéias dos personagens com as minhas, mas isso faz parte da ficção. É natural, portanto, que haja polêmica em torno do *Goitizeiro*. Aliás, esse é o objetivo de todo escritor: ser polêmico. Essas questões que coloco no livro podem parecer fora de moda, mas de fato continuam a preocupar as pessoas. Meu objetivo em relançá-las em livro foi torná-las outra vez visíveis, atuais.

O GALO – A crítica às religiões também respingam nas seitas?

J.M. – É verdade, há críticas às religiões, feitas pelo tio Raphael, há crítica aos cultos, a Tomás de Aquino. Manoel Onofre Jr. diz que há muita erudição no livro, como que insinuando que o livro peca por erudição...

O GALO – Nem o espiritismo foi pouparado, não é verdade?

J.M. – Exatamente. Esta foi outra questão que se impôs no livro. Nunca fui a sessão espírita, nunca fui a catimbó, mas de tanto ouvir falar de "sino de Salomão", de catimbó e coisas afins, não resisti a abordá-las. Não faltará quem não tenha uma palavra, pró ou contra, a dizer sobre essas questões mediúnicas.

O GALO – E quem é o Dr. Wilhelm que "baixa" na sessão descrita no capítulo "A sessão espírita"?

J.M. – É uma alusão que faço com o Dr. Fritz, médico que costumava "baixar" em sessões espíritas em toda parte do Brasil e que fez até operações cirúrgicas... Jogo ele lá para a corte de Frederico II (nem sei se ele esteve por lá!).

O GALO – E o que você tem a dizer sobre a oração do tio Raphael?

J.M. – Ah!, acho que a oração é interessante na medida em que contraria o sentido que as orações costumam ter. Em geral, as pessoas rezam para pedir que Deus se lembre delas. A oração do tio Rafael pede exatamente o contrário, isto



A curiosidade intelectual de José Melquiades levou-o a dedicar um volume de ensaios à literatura japonesa e, mais tarde, a se tornar biógrafo de Armando de Lima Fagundes, personalidade marcante na maçonaria no Estado.

é, que Deus o esqueça enquanto puder e conceda a ele longevidade.

O GALO – Há um tom de crítica e ceticismo nessa oração, você concorda?

J.M. – Com certeza, afinal, tio Raphael era um cético, um agnóstico, como já expliquei antes, por isso, sua oração só teria sentido se mantivesse esses traços marcantes de sua personalidade.

O GALO – No seu livro "Saturnino, Cascudo e o Clube dos Inocentes" você também faz uso da memória para reconstituir um episódio pitoresco da vida intelectual natalense. Como começou esse clube?

J. M. – Começou comigo, Saturnino e Djalma Santos, já falecido, em 1950. Cascudo entrou depois. As reuniões principais a gente fazia na casa de Cascudo.

O GALO – E como era o Clube dos Inocentes?

J. M. – Era um clube puramente de brincadeira. Era proibido fazer ata ou qualquer registro escrito e também falar de literatura. Saturnino foi quem deu o lema do clube: "inocente das maldades alheias". Tomava-se muita cerveja, muito vinho e só se conversava amenidades. Cascudo tomava todas, e nunca se embriagava. Depois de muitos anos, quando Saturnino adoeceu, Cascudo perdeu a audição, alguns dos integrantes já tinham falecido, duas pessoas, de quem não vou citar os nomes e que não pertenceram ao clube, começaram a escrever em jornais coisas que não se passaram no clube. Não gostei daquilo. Sem dizer nada, reuniram uns artigos que eu havia publicado em jornais sobre os encontros do clube (isso não era proibido) e publiquei em Porto Alegre a primeira edição de "Saturnino, Cascudo e o Clube dos Inocentes". A segunda edição saiu em Natal, em 1997, e foi patrocinada pela Universidade Potiguar, corrigindo algumas "gralhas" que escaparam à revisão da primeira edição. Ambas estão esgotadas.

O GALO – Sua "História do Seminário de São Pedro" também trata de uma fase importante e mais recuada de sua vida. O que o seminário significou para você?

J. M. – O seminário significou tudo, e devo a ele tudo o que eu sou na vida.

O GALO – Durante quantos anos você freqüentou o seminário?

J. M. – Foram seis anos. Cheguei a fazer um pré-noviciado para freira, na idade de dezesseis anos, e depois, já em Macaíba, estava preparado para receber o hábito. Levaram-me para o Seminário

de São Pedro. Eu tinha uma ligação muito estreita com Dom Joaquim Antônio de Almeida. Como ele estava cego, diariamente, eu fazia as leituras todas para ele.

O GALO — Que espécie de leituras eram essas?

J. M. — Eram leituras as mais variadas, sagradas e profanas, em francês e também em latim, ele me corrigindo. Foram quatro anos no seminário de São Pedro, até que numa das minhas férias fui na casa do meu futuro sogro e primo, Antônio Corcino de Macedo, dar umas aulas de francês à filha dele e me apaixonei por ela. Casamos anos depois.

O GALO — Você deixou o seminário de imediato?

J. M. — Não. Voltei ao seminário numa crise muito grande. Não estava mais conciliando a pureza do seminário e a grandeza da fé, e perdi a vocação. Então fui a meus superiores, cônego José Adelino, reitor, e padre Eugênio Sales, vice-reitor, e falei que ia deixar o seminário. Eles não queriam que eu saísse de maneira nenhuma. Mas não tinha mais jeito. Dom Joaquim já havia morrido e eu não me sentia mais com grandes compromissos com o sacerdócio. Saí. Nunca me arrependi de ter entrado no seminário, como também nunca me arrependi de ter saído de lá.

O GALO — E como foram os primeiros dias fora do seminário?

J. M. — Saí com vinte anos, em outubro de 1948. Sem emprego, sem saber bem o que faria da minha vida. De imediato, procurei o prof. Antônio Fagundes, que era diretor do Colégio 7 de Setembro, parente da minha futura mulher. Ainda de batina, falei com ele sobre a possibilidade de ensinar no 7 de Setembro. Por coincidência, monsenhor Landim estava com muitos deveres eclesiásticos e ia deixar a cadeira de Latim. No dia seguinte, comecei a ensinar essa matéria. Fiz os primeiros contatos ainda de batina, porque não tinha roupas civis.

O GALO — E qual foi a reação de sua família à sua saída do seminário?

J. M. — A reação geral da família foi de protesto. Mas muitos haviam entrado e saído do seminário, portanto, eu não era o primeiro. Eu não tinha mais pai nessa época. Ele havia morrido de impaludismo quando eu ainda era criança. Mesmo antes da morte dele, minha mãe se separara e casara outra vez, passando a residir em Macau. Eu cheguei a morar com ela na infância, mas não deu certo. Vim para Natal e, graças a Dom Joaquim, entrei para o seminário. Minha decisão causou um pouco de choque. Nos primeiros meses foi duro. Não me foi muito fácil deixar a batina, como se dizia.

O GALO — Onde você foi morar depois que deixou o seminário?

J. M. — Fui morar com o pai da minha futura noiva. Mas ele não sabia se a gente namorava. Morei em sua companhia durante quatro anos. Quando me organizei, noivei, e levei mais dois anos para me ajeitar. Só casei mesmo quando estava organizado. Naquele tempo, as coisas eram mais fáceis.

O GALO — Durante esses seis anos que precederam o casamento, você exerceu exclusivamente a atividade de professor?

J. M. — Sim. Na primeira fase, só ensinei no Sete de Setembro e uma única disciplina: latim. Depois, entrei na política. Em 1950, quando Getúlio Vargas organizou o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) José Nicodemos da Silveira Martins, presidente estadual do partido, começou a arrebanhar jovens para formar uma elite jovem do PTB. Eu me filei, juntamente com Antônio

para a casa do meu sogro. Aí veio a campanha de João Goulart e Juscelino Kubitschek. Fiz a campanha de Jango pelo PTB. Eu era secretário do partido em Natal. João Goulart foi eleito. Fui nomeado para o SAPS - Serviço de Alimentação da Previdência Social.

O GALO — Como você se tornou professor de inglês?

J. M. — No seminário estudei apenas inglês gramatical. No recreio, a gente falava francês. Quando deixei o seminário, falava inglês, francês e latim, além de português. Mas eu gostava mesmo era de inglês. E se no início eu ensinei latim é porque não havia a cadeira de inglês vaga no 7 de Setembro. Até que vagou uma cadeira de inglês, e eu a assumi. Depois ensinei no Ateneu e em muitos outros colégios de Natal de nível secundário.

O GALO — Quando você ganhou uma bolsa para estudar nos Estados Unidos?

J. M. — Foi em 1959. Eu ainda estava no SAPS, e lecionava no Marista, no Ateneu e no 7 de Setembro. Fui um dos fundadores da SCBEU - Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos, em Natal. O primeiro adido americano Wayne Taylors escolheu um grupo de professores de inglês para fazer um curso de especialização no Recife. Fui um deles. Depois, veio a bolsa. Passei um ano no San Francisco State College, na Califórnia. Minha vida literária começou realmente aí. Eu já escrevia artigos, mas a vivência nos Estados Unidos me abriu os olhos para a vida cotidiana dos americanos. Quando voltei, escrevi uma série de artigos para o Diário de Natal, que depois reuni em livro.

O GALO — Como você vê hoje a literatura norte-rio-grandense?

J. M. — Tem muitos bons poetas, tem também péssimos poetas, é um dos estados do Brasil onde se lançam mais livros proporcionalmente. Se literatura é fertilidade, somos o estado mais fértil do Brasil. Só que a ficção continua em estado de emergência.

O GALO — Quais os seus projetos literários para o futuro? Inclui um novo romance?

J. M. — Não tenho condição de escrever outro romance. Entre os meus projetos literários para o futuro está a segunda edição da *História do Bairro de Santos Reis*, ampliada, e um livro inédito, *Memórias de um ex-seminarista*. Mas muitos dos meus ex-colegas estão vivos. Há uma série de implicações a revelações a considerar. Pensando em tudo isso, resolvi que vou reescrever as minhas memórias do seminário em forma de romance, mas mantendo-me fiel aos fatos, mudando apenas alguns nomes. Quem puder entender, que entenda.



Em duas edições, revistas e ampliadas, José Melquíades contou a história da amizade que o uniu a José Saturnino e a Câmara Cascudo, no "Clube dos Inocentes", clube que marcou a vida intelectual natalense nos anos 60 e 70.

Rodrigues de Carvalho. Somos os únicos vivos hoje. Entrei na campanha de Getúlio de corpo e alma, andei com ele em Mossoró, participei dos comícios daqui. Me candidatei a deputado estadual e a vereador, porque naquele tempo a gente podia se candidatar às duas coisas. Mas eu era um jovem inexperiente, e me empolguei a fazer discursos pró-Getúlio pelo interior e abandonei minha campanha aqui. Mas ainda tive cerca de 500 votos, sem fazer campanha, porque eu não tinha dinheiro! Antônio Rodrigues e José Nicodemos foram eleitos deputados. Empossado, Nicodemos foi ao Rio e conseguiu com Getúlio que eu fosse nomeado delegado do IAPM (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos). Eu tinha 25 anos nessa época, e fui o delegado mais jovem do Brasil! O salário permitiu que eu fizesse minha casa. Mas quando Café assumiu, após o suicídio de Getúlio, demitiu todo mundo e caí. Eu já tinha dois filhos nessa época. Tive de alugar minha casa e voltar

SANTA AUTA

Manoel Onofre Jr.

De pais burgueses, abastados, mas com origens modestas, nasceu Auta de Souza. O dia em que chegou foi, precisamente, 12 de setembro de 1876 – dia de Santa Auta. O lugar: casarão na Rua do Comércio, Macaíba, Rio Grande do Norte.

Os pais de Auta morreram cedo. Foi ela, meninota, mais os quatro irmãos, para a companhia dos avós maternos, no Recife.

O mundo infantil – quem diz é Câmara Cascudo – foi o imenso quintal da chácara. Era aí que brincava com seus irmãos – Irineu, João Câncio, Eloy (o futuro senador e jornalista Eloy de Souza) e Henrique (que nem sonhava em ser H. Castriciano, escritor, poeta, vice-governador do Estado).

Nessas brincadeiras a menina extravasava sua natural alegria. Mas, às vezes, gostava de se meter nos diálogos de gente grande e, também, de falar sozinha (Câmara Cascudo - "Vida Breve de Auta de Souza", Recife, 1961).

Estudos particulares a princípio, depois no Colégio de São Vicente de Paula, dirigido por religiosas, no Recife, onde fez amizades de que jamais se esqueceria. Teve de curso regular apenas este. A instrução maior viria nas constantes leituras.

Mocinha, já "fraca do pulmão", lia Lamartine, Chateaubriand, Fenelon, Gonçalves Dias, Luiz Murat. Tinha ao seu dispor toda a biblioteca do irmão Henrique.

Aos 17 anos nasceu na moça a poetisa. Os versos que faz são recitados em festinhas e saraus. Às vezes, nestas reuniões, improvisava poemas, perdidos à falta de quem os anotasse. A perda não é tanto de lamentar. Versos circunstanciais, esses. Faziam parte da "poesia doméstica de Auta de Souza". (Expressão usada por Berilo Wanderley, em artigo na revista "Rumos", no. 1, Natal, 1958).

Auta não é a franzina que se costuma idealizar, hoje em dia. Muito pelo contrário, cheia de corpo e graciosa. Morena, mulata. Média estatura. Voz musical.

Fala Câmara Cascudo em seu excelente estudo biográfico:

"Os grandes olhos negros eram sombreados pelas sobrancelhas espessas e os longos cílios avivavam, coando o olhar penetrante. O cabelo era repuxado para o alto, preso em coque, por uma fita, fivela ou broche de ouro. As mangas desçiam aos pulsos e a gola do vestido recobria o fino e nervoso pescoço. Era

precaução e era moda. Os olhos do Pai e os lábios da Mãe".

Perigando a tuberculose, vem a fase das viagens, rumos de novos ares favoráveis à saúde. Alguns dos seus poemas são motivados por impressões colhidas nessas viagens pelo Rio Grande do Norte. Um exemplo:

"Astros celestes, docemente louros,
Giram no Espaço, em luminoso bando;
Ouve-se ao longe um violão plangente
E, mais além, n'um soluçar dolente,
Canções serenas, ao luar voando.

Quanta tristeza pela noite clara!
Quanta saudade pelo Azul boiando!
Cuida-se ouvir n'um dolorido choro
As preces tristes de um magoado coro
De almas penadas ao luar rezando".

(Fragments do poema "Ao Luar")

Auta começa a amar.
Seria amada?

"Mais vale um peito magoado,
Chorando, sofrer a sós
Que ver o ente adorado
Passar zombando de nós."

Fala-se numa paixão não correspondida por um certo Promotor de Justiça, em Macaíba.

Mas, o fato é que Auta, por vezes, desencanta-se do Amor. Encaminha-o, sublimado, em outro sentido – na direção dos seus mortos, de Deus (Eros substituído por Tanatos...)

E assim, voltada para as coisas espirituais, vive como santa. Nunca a beata das apressadas conclusões. "Pura e não puritana", na expressão do poeta e ensaísta Esmeraldo

Siqueira. (Artigo in "Coletânea de Letras da ANL", no. 2, Natal, 1954).

Sua alma é doce, plena de ternura:

"É noite já. Como em feliz remanso
Dormem as aves nos pequenos ninhos...
Vamos mais devagar... de manso e manso,
Para não assustar os passarinhos".



"No fundo das coisas é que se penetra na zona erótica de Freud. No fundo das coisas há o disfarce e a descoberta do objeto que se deseja. O

- GALVÃO, Cláudio. Lembrando Auta de Souza in "O Poti", Natal, 14 de maio de 2000.
- O Cancioneiro de Auta de Souza in "Diário de Natal", Natal, 17 de maio de 2000. Enfeixado em livro sob o mesmo título. Fundação José Augusto/EDUFRN, Natal, 2001.
- GOMES, Perilo. Uma Poetisa Católica in "Ensaios de Crítica Doutrinária". Centro D. Vital, Rio, 1933 – pág. 159 a 176.
- GONÇALVES, Magaly Trindade-AQUINO, Zélia Tomás de – SILVA, Zina Bellodi. Antologia de Antologias. Musa Editora, São Paulo, 1995.
- LEAL DE SOUZA. A Mulher na Poesia Brasileira. Rio, 1918.
- MACEDO, Diva Cunha Pereira de. Signos Cruzados: Vida e Poesia de Auta de Souza in "Mulher e Literatura no Rio Grande do Norte" (Org. Constância Lima Duarte). CCHLA/NEPAM/UFRN, Natal, 1994.
- MARINHO, Antônio. Auta de Souza in "A Tribuna", número especial dedicado à poetisa, Natal, 27 de fevereiro de 1901.
- MARTINS, Mário R. A Evolução da Literatura Brasileira. 1º. Vol. Notas Biográficas, Rio, 1945.
- MATHIAS, Aluizio (Organizador). Poesia Circular. CENARTE/ Viação Cidade do Sol, Natal, sem data – pág. 27.
- MAURICÉA, Christovam. Antologia Mística de Poetas Brasileiros. F. Briguier & Cia. Livreiros – Editores, Rio, 1928.
- MEDEIROS FILHO, João. Contribuição à História Intelectual do Rio Grande do Norte, Natal, 1983 – pág. 199 a 201.
- MELO, Manoel Rodrigues de. Auta de Souza in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. LXVIII- LXIX, Natal, 1976-1977 – pág. 13 a 19.
- MELQUÍADES, José. Centenários- Padre BritoGuerra – Dom Joaquim de Almeida – Auta de Souza, Natal, 1978.
- MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira-Simbolismo. 9ª. ed. Editora Cultrix, São Paulo, 1995 – pág. 85 a 90.
- MURICY, Andrade. Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro. 3 vols. INL, Rio, 1952; 2ª. ed., 2 vols., INL, Brasília, 1973 – vol. I, pág. 10.
- MUZART, Zahidé. Entre Quadrinhos e Santinhos: a Poesia de Auta de Souza in Revista Travessia, no. 23, UFSC, Florianópolis, 1991.
- OLIVEIRA, Alberto de. Céu , Terra e Mar –Prosa & Verso. Livraria Francisco Alves, Rio, 1925.
- OLIVEIRA, José Osório de. Líricas Brasileiras –Sécs. XIX e XX. Portugália Editora, Lisboa, 1954.
- PAES, José Paulo- MOISÉS, Massaud. Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira. Editora Cultrix, São Paulo, sem data.
- PATRIOTA, Nilson. Aspectos da Literatura Potiguar (Auta de Souza) in "A República", Natal, II de junho de 1978.
- PINTO, Gizelda L. R. Auta de Souza e a Estética Simbolista, 1974.
- PORTO, Mário Moacyr. Discurso de posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras in Revista da ANL, vol. 28, no. 16, Natal, 1981 – pág. 33 a 43.
- REGO, Álvaro Marinho. Auta de Souza in "Dom Casmurro", Rio, 6 de maio de 1939.
- ROCHA POMBO, José Francisco da. História do Estado do Rio Grande do Norte. Editores Anuário do Brasil, Rio, 1922 – pág. 441 a 449.
- SILVA, Domingos Carvalho da. Vozes Femininas da Poesia Brasileira. Conselho Estadual de Cultura, São Paulo.
- SILVEIRA, Tasso da. As Mulheres Poetas do Brasil –IV –Auta de Souza in "Terra de Sol", no. 8, Rio, 1924.
- SIQUEIRA, Esmeraldo. Auta –Itajubá –Gotardo in "Coletânea de Letras da ANL", no. 2, Natal, 1954 – pág. 85 a 95.
- SODRÉ, Nelson Werneck História da Literatura Brasileira, 5a. ed. Editora Civilização Brasileira, Rio, 1969 – pág. 318.
- SOUSA LEÃO, Nalba Lima de. A Obra Poética de Auta de Souza. Dissertação de mestrado. UFSC, Florianópolis, 1956.
- TAVARES DE LYRA, Augusto. História do Rio Grande do Norte. Tipografia Leuzinger, Rio, 1921; 2ª. ed.: Fundação José Augusto/ Centro Gráfico do Senado Federal, Natal/Brasília, 1982 – pág. 314 a 317.
- VALDIVINO, José. Auta de Souza na Literatura Brasileira in Revista da Academia Cearense de Letras, LX/27, Fortaleza, 1956 – pág. 148 a 162.
- VICTOR, Nestor. Horto, Poesias de Auta de Souza in "A Crítica de Ontem". Leite Ribeiro & Maurílio, Rio, 1919 – pág. 261 a 277.
- WANDERLEY, Ezequiel. Balões de Ensaio. Tipografia Comercial, Natal, 1919.
- Poetas do Rio Grande do Norte. Imprensa Industrial, Recife, 1922; 2ª. ed. (fac-similar): Sebo Vermelho/ Editora Clima/Sebo Cata Livros, Natal, 1993 – pág. 131 a 133.
- WANDERLEY, Palmira. O Elogio de Auta de Souza in Revista da ANL, ano IV, no. 4, Natal, 1956 – pág. 3 a 22.
- WANDERLEY, Rômulo. Panorama da Poesia Norte-rio-grandense. Edições do Val, Rio, 1965 – pág. 237 e 238.
- Z.A. (Zeferino Arruda: Alberto Maranhão). Auta de Souza in "A Tribuna", no. 10, Natal, I2 de setembro de 1899.

Manoel Onofre Jr., norte-rio-grandense, é autor de Guia da Cidade do Natal, Ficcionistas norte-rio-grandenses, A primeira feira de José, entre outros livros.

Auta de Souza e a música popular

Cláudio Galvão



As circunstâncias da vida e morte de Auta de Souza contribuíram favoravelmente para a grande popularidade de que sempre desfrutou. Concorreram, também, para o fato, o exacerbado sentimentalismo de sua poesia, envolta em auréola de misticismo e exposta em cores mórbidas, elementos muito em moda à sua época.

Outro fato igualmente decisivo, que abriu em definitivo para a poeta o caminho do gosto popular, foram os seus poemas transformados em canções que logo se incorporaram ao repertório dos saraus familiares e das serenatas boêmias.

Este estudo tem como objetivo ressaltar a participação dos compositores que musicaram alguns poemas de Auta de Souza contribuindo em muito, para sua introdução no gosto popular.

Importante seria saber que, a seu tempo ou, pelo menos, em época próxima àquela em que viveu, Auta de Souza teve dezenas de poemas musicados. Mais tarde, outros poetas também tiveram músicas em seus versos, como Othoniel Menezes (onze poemas), Segundo Wanderley (dez poemas). Muitos outros também tiveram seus versos transformados em canções, porém em número menor. Nesta análise, deixa ser referido o poeta Olympio Baptista Filho, que teve um maior número de seus versos publicados por ele mesmo, por ser também, compositor.

São os seguintes os poemas de Auta que foram musicados há aproximadamente cem anos, dos quais foi possível recuperar as melodias, graças à memória popular: "A Eugênia", "Ao cair da noite", "Agonia do coração", "Ao luar", "Caminho do Sertão", "Desalento", "Meu pai", "Meu sonho", "Nunca mais", "Olhos azuis", "Palavras tristes", "Regina Coeli", "Rezando" e "Teus anos".

Perderam-se, por falta de quem os cantasse, as melodias de "No templo" (autor não identificado) e do "Hino", escrito em homenagem ao bispo D. Adauto de Miranda Henriques e musicado por Luís de França Coelho.

Uma pista quanto à época em que estes poemas começaram a ser musicados é sugerida por Palmira Wanderley (1894-1978), que ocupava a cadeira nº 23 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, cuja patrona é Auta de Souza. Em seu discurso de posse na instituição, publicado na Revista nº 4, página 16, da



Festa familiar em Natal, nos começos do século passado (Foto de propriedade de Mabel e Walter Canuto de Souza). Abaixo dos instrumentos de sopro estão o compositor Heronides de França e Joaquim de Souza Freire e, logo abaixo, sua esposa Raquel, assinalada por uma seta. À sua esquerda, o musicista Tibiro (nome.... de terno escuro e camisa branca) e o compositor Eduardo Medeiros (terno escuro e instrumento à esquerda). Em frente a Eduardo, olhando para cima, Chico Botelho, considerado um dos maiores conhecedores de modinhas que a cidade já teve. Os dois últimos personagens

mesma Academia, afirmou:

"Agonia do coração foi a sua primeira poesia musicada e uma das mais sentidas expressões do "Horto" e talvez a mais popular."

O compositor desta modinha, autor que maior número de melodias criou para poemas de Auta chama-se Heronides de França.

Heronides de França viveu em Natal até o ano de 1917, época em que compôs suas modinhas, transferindo-se, depois para a cidade do Recife. Musicou, ao que se sabe, nove poemas de Auta de Souza. Outros poetas também tiveram melodias deste autor em seus versos, entre eles Segundo Wanderley, Lourival Açucena, Gothardo Netto, Francisco Palma, Augusto Leite, Calixtrato Carrilho de Vasconcelos, Manoel Coelho, José Rodrigues Leite, Carlos Policarpo, padre Antônio Arêas e José Alcino.

A tradição popular não comprovada indicam-no como autor de melodias para poemas de Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Castro Alves e Pinheiro Chagas.

Uma de suas melodias alcançou notoriedade nacional. Trata-se da modinha "O poeta e a fidalga", com letra de Segundo Wanderley, que se encontra registrada nas principais pesquisas de modinhas e teve até gravação fonográfica.

Figura popularíssima na cidade, era convidado constante para serenatas e saraus, onde cantava e executava solos de violão. Ficou famoso, também, pela segurança com que executava ao instrumento.

Heronides foi contemporâneo de Auta, pois nasceu em 1860 e a poeta em 1876. Não há informações documentadas de uma amizade entre os dois. O escritor Virgílio Trindade (1887-1969), ele também contemporâneo de ambos e, por isto, digno de todo crédito, informa em artigo publicado pela Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras nº 2, página 190:

"Heronides fez Auta de Souza cair em prantos, numa tarde fria e tristonha, quando cantou para ela, com música de sua autoria: "Eu tenho a treva dentro do seio / Astros, velai-vos que eu vou morrer." É a modinha "Agonia do Coração".

Nascido em Natal, a 13 de setembro de 1860, exercia as funções de Fiscal Aduaneiro da Alfândega desde 1890. Trabalhou em Natal até 1917, quando passou a residir no Recife, ali falecendo a 3 de abril de 1926.

São de sua autoria as melodias (8) de "Ao cair da noite", "Agonia do coração", "Ao luar", "Meu pai", "Nunca mais", "Olhos azuis", "Palavras tristes", "Regina Coeli". Canções de delicada linha melódica e montadas sobre variada harmonia, tornaram-se

presença constante nos saraus e serenatas dos princípios do século passado.

O poema "Desalento", datado de 1893 é, certamente, um dos mais antigos poemas de Auta. Não foi possível saber a data em que foi musicada. Seu autor, Cirineu Joaquim de Vasconcelos (Canguaretama, 27/12/1867 - Natal, a 21/01/1939), não era músico profissional. Participando intensamente do movimento musical da cidade, tocava violão na intimidade e nas serenatas da juventude. Tocou contrabaixo na orquestra do Clube Carlos Gomes, fundado em 1892, ali exercendo funções em quase todas as diretorias e participando intensamente de suas atividades até a sua extinção, em 1914.

A melodia que criou para "Desalento" combina perfeitamente com a tristeza contida no poema de Auta de Souza, o que a transformou em uma das mais populares canções da velha Natal.

Outra canção muito popular nos inícios do século passado foi "Teus anos", melodia composta por Cirilo Lopes, músico militar e conterrâneo de Auta, pois nascido em Macaíba, em 1887. Contrabassista da banda do à época Batalhão de Segurança (Polícia Militar) era também hábil violonista. Passando a residir no Pará, integrou-se a um duo com o conhecido violinista João Santa Cruz, apresentando-se em vários Estados e, em Natal, no teatro Carlos Gomes (Alberto Maranhão), em 1927. Não foi possível saber a data de seu falecimento.

Com o poema "Caminho do sertão" aconteceu um fato pelo menos inusitado, pois possui quatro melodias diferentes. A razão de tal acontecimento é que, no ano de 1922, o governo do Estado realizou uma série de festividades para comemorar a passagem do centenário da independência do País. Entre outros eventos, constava um concurso através do qual seria atribuído um prêmio ao musicista que pusesse a melhor música para um poema de três autores norte-rio-grandenses. Os versos escolhidos foram "De Natal ao Pará" (Ferreira Itajubá), "Olhos" (Segundo Wanderley) e "Caminho do sertão", de Auta de Souza.

Para o poema de Auta foram premiados, em primeiro lugar, Abdon Trigueiro, e José Sinésio Freire, em segundo.

Além de um prêmio em dinheiro, a composição classificada em primeiro lugar teve sua partitura musical editada pela Casa Bevilacqua, do Rio de Janeiro, sendo cantada em público, pela primeira vez, a 6 de setembro daquele ano, durante as festividades realizadas no teatro Carlos Gomes, acompanhada por uma orquestra-serenata regida pelo próprio autor.

Infelizmente, não foi possível recuperar a melodia composta

CAMINHO DO SERTÃO

Música: Eduardo Medeiros

Letra: Auta de Souza

Tão lon - ge a ca - sa! Nem se - quer al - can - co Vê - la a a - tra - vés da
 ma - ta. Nos ca - mi - nhos A som - bra des - ce; e, sem a - char des - can - so,
 Va - mos nós dois, meu po - bre ir - mão, so - zi - nhos! É noi - te já Co -
 mo em fe - lic re - man - so, Dor - mem as a - ves nos pe - que - nos ni - nhos...
 Va - mos mais de - va - gar... de man - so e man - so, Pa - ra não as - sus -
 tar os pas - sa - ri - nhos. Bri - lham es - tre - la!. To - do o céu pa - re - ce
 Re - zar de jo - e - lihos a cho - ro - sa pre - ce Que a noi - te en - si - na ao
 de - ses - pe - ro e à dor... Ao lon - ge, a lu - a vem dou - ran - do a tre - va... Tu - rí - bulo i -
 men - so pa - ra Deus e - le - va O in - cen - so a - gres - te da ju - re - ma em flor.

FONTE

Música: Valnício Medeiros

Letra: "Horto"

por Sinésio. Graças a familiares dos autores, sobreviveram as melodias de Eduardo Medeiros e Deolindo Lima.

Abdon Álvares Trigueiro pertencia à Polícia Militar desde o ano de 1900, ano em que foi nomeado regente da banda de música pelo governador Alberto Maranhão. Reformou-se como capitão, em janeiro de 1929. Além do prêmio para este poema, ganhou, igualmente o primeiro lugar com a melodia para "Olhos", de Segundo Wanderley. Este detalhe pode adiantar uma avaliação sobre a qualidade de Abdon Trigueiro como músico. Sua biografia mostra um grande número de atividades como regente de bandas militares e orquestras civis, o ensino da música e a composição musical. Ocupou importantes funções na maçonaria. Evangélico, regeu durante muitos anos o coro da Igreja Presbiteriana Independente, onde deixou muitas partituras de músicas apostas a textos bíblicos e outros poemas.

Nos últimos anos de sua vida, residiu em São José de Mipibu.

Nascido em Guarabira, na Paraíba, a 16 de abril de 1868, faleceu em São José de Mipibu, a 7 de julho de 1941.

Muito conhecido em todo o Estado era o compositor, violinista e clarinetista Eduardo Medeiros, nascido em Itapassaroca, município de Touros, a 21 de junho de 1887 e falecido em Natal, a 20 de junho de 1961.

Músico profissional, ensinava, tocava em bailes, festas religiosas e profanas. Compôs nos mais variados ritmos, mas se notabilizou pelas melodias que apôs a poemas de autor local, como foi o caso da "Serenata do Pescador" (Praieira), versos de Othoniel Menezes.

A melodia que Eduardo Medeiros compôs para "Caminho do Sertão" tem uma estrutura mais popular, vizinha à forma das velhas modinhas, o que a diferencia da versão de Abdón Trigueiro, esta com mais inclinações para o erudito.

Deolindo Ferreira Souto dos Santos Lima foi uma das figuras mais populares da Natal dos começos do século XX.

Nascido em Assu, (9 de março de 1885), acompanhou a família, ainda muito jovem, quando esta se transferiu para Natal. Comerciário, jornalista, cantor, ator teatral, poeta, compositor, carnavalesco, boêmio e seresteiro, era presença marcante nos movimentos culturais e artísticos da cidade.

Musicou muitos de seus versos e versos de outros autores, transformando-os em canções populares. Deixou inédito o livro "Minha Serenata" e teve alguns poemas musicados por outros autores.

Faleceu em Natal, a 10 de abril de 1944.

Quanto aos poemas "A Eugênia", "Meu sonho", "Nunca mais" e "Rezando", não foi possível identificar o autor. Por sorte, a memória popular guardou suas melodias.

Como novo dado para uma avaliação da popularidade dos poemas de Auta transformados em canções, considere-se que muitos deles encontram-se em publicações sobre música popular realizadas em diversas partes do país.

Entre elas deve ser citado o livro "Modinhas do Passado" (Folha Carioca Editora Ltda, Rio de Janeiro, 1979), da autoria do maestro João Batista Siqueira, catedrático da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nela estão publicadas "Ao Luar" e "Desalento". As melodias contidas nas partituras têm muita semelhança com as que se cantam no Rio Grande do Norte. O autor não informa o local onde coletou as duas melodias; por ser sertanejo paraibano de nascimento, é provável que tenha sido no seu próprio Estado.

A modinha "Ao Luar", está publicada em "As mais belas modinhas", volume II, de Milene Antonieta Coutinho Maurício (Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1982). Nela se encontra transcrita a mesma versão publicada por "Modinhas do Passado". Não se faz, também, menção ao autor da música.

"Rezando" (Róseo Menino), está publicado por Wagner Ribeiro na "Encyclopédia do folclore musical", 5º volume (Editora FTD, São Paulo, 1965). A partitura da canção revela uma melodia inteiramente diferente da que se canta no Rio Grande do Norte. O autor não indica o nome do compositor da música nem onde foi coletada.

Este poema "Rezando" (Róseo Menino), porém com melodia idêntica à que se canta no Rio Grande do Norte, foi gravado pela cantora Maria Augusta Calado no LP "FONTES CULTURAIS DA MÚSICA DE GOIÁS - 4 Cantos de Presépio", (Goiânia, 1985). Não há referência a Auta de Souza nem ao autor da músi-

ca. Informa-se que é cantada em festas natalinas em cidades do interior goiano. Pode-se ver no fato uma manifestação do processo de folclorização, que se verifica quando uma obra de autor conhecido passa ao domínio popular, desconhecendo-se a verdadeira origem. É, sem dúvida, uma evidência da força de comunicação da poesia de Auta de Souza.

O encontro desta canção em tais circunstâncias e em local tão distante de seu ponto de origem, é mais um indicativo do poder de comunicação da autora.

A maior divulgadora desta faceta da popularidade de Auta de Souza foi a também poeta Palmira Wanderley. No dia 14 de março de 1937, a escritora e um grupo de senhoras e senhoritas, prestaram uma homenagem a Auta de Souza, consistindo em um sarau onde foram cantados seus poemas musicados. O evento, que se denominou "Festa do Horto", foi realizado no Teatro Carlos Gomes e teve a renda dos ingressos revertida em favor do Dispensário Sinfrônio Barreto.

Iniciando, Palmira Wanderley falou sobre o tema "Auta de Souza a Trovadora do Luar." Em seguida, foram ouvidas as seguintes modinhas: "Regina Coeli" (cantada pelo coro, com solo de Sílvia Paiva), "Agonia do Coração" (coro, solo de Dulce Tavares), "Ao Cair da Tarde" (coro, solo de Sílvia Paiva), "Teus Anos" (solo de Elza Dantas), "Meu Sonho" (solo de Clarice Palma), "Nunca Mais" (solo de Dulce Tavares), "Palavras Tristes" (solo de Berta Guilherme), "Eugênia" (com Berta Guilherme (1ª voz) e Silvia Paiva (2ª voz) e "Ao Luar", (pelo coro).

Formavam o coro as vozes de Dulce Tavares, Berta Guilherme, Elza Dantas, Clarice Palma, Sílvia Paiva, Maria de Lourdes Lago, Maria Amorim, e as irmãs Zenaide, Alba e Maria do Carmo Soares. O acompanhamento por violões esteve a cargo do conjunto Bando Alegre, com a participação do bandolinista João Martins.

Além das serenatas e saraus, considere-se, ainda, que o advento do rádio trouxe uma nova forma de divulgação da música popular. Desde o primeiro serviço de alto-falantes da cidade, o "Indicador da Agência Pernambucana", iniciado em 1938, passando pelos programas de "música do passado" da antiga Rádio Educadora de Natal (Rádio Poti), a partir de 1941, e por tantos outros programas nas emissoras que vieram sem seguida, as "modinhas de Auta de Souza" vêm sendo bastante cantadas, o que em muito contribuiu para a sua preservação.

Um curioso fenômeno se evidencia ao examinar-se a condição do autor popular. No caso da música, tem-se observado que o maior prestígio de um dos autores, seja da música, seja dos versos, provoca o encobrimento do outro autor menos conhecido. No caso específico aqui tratado, o prestígio de Auta de Souza eclipsou, na grande maioria das vezes, o nome dos autores das melodias. Assim, encontram-se citadas até em estudos eruditos, expressões como "modinhas de Auta de Souza". Alguém menos avisado pode entender que a mesma é autora também da música. A emoção transmitida pela palavra tem sua mensagem potencializada quando associada à música. Esses esclarecimentos são feitos até como uma tentativa de justiça para com os compositores natalenses, autores das melodias que tanto contribuíram para elevar Auta de Souza à destacada posição de grande popularidade que ocupa entre os poetas norte-rio-grandenses.

Cláudio Galvão é membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN – Autor de *O cancionero de Auta de Souza* (Editora da UFRN-Fundação José Augusto), lançado em Macaíba a 7 de fevereiro, dia do centenário de falecimento de Auta de Souza.

DIA DE FEIRA

Ana Cláudia Mafra da Fonsêca

Dia de feira é dia de festa. A primeira impressão que temos das feiras é quase sempre esta. No nordeste brasileiro, sobretudo, não faltam exemplos dessa reunião quotidiana, coletiva e colorida. "De um tudo" tem na feira: do peixe fresco aos plásticos, da sandália de couro aos importados, razão pela qual é ainda hoje um ponto de interseção de diferentes idades e classes sociais, um espaço que une a tradição à contemporaneidade sempre se adaptando ao tempo, incorporando o ritmo eletrônico da cidade grande aos sonoros gritos e pregões dos ambulantes, vendedores, fregueses, dos velhos e meninos, trabalhadores e "desocupados", todos conhecidos, todos personagens de um mesmo palco.

Andar pelas feiras e tentar registrar visual e verbalmente um

*Pra escrever essa história
Tenho que muito pensar
É sobre a feira daqui
Que é coisa de admirar
Seu povo se manifesta
Numa feira como esta
De tudo tem pra comprar.*

(A feira de Currais Novos,
folheto de Josefa Nazaré Alves
– Currais Novos, RN)

pouco da sua diversidade, em amplos aspectos, resultou numa experiência repleta de surpresas, pois a câmera e a caderneta nas mãos e a impossibilidade de, por isso, passar despercebida diante de todos, gerou um contato inusitado com os feirantes: muitos queriam "aparecer" nas fotos, me pediam para voltar e mostrá-las depois de prontas, e me paravam perguntando se era reportagem ou trabalho "pra escola". Alguns se esconderam diante da câmera – principalmente os mais velhos – dizendo-se "cismados" com retrato. Uma mulher chegou mesmo a dizer que tirar foto dava azar. Ainda assim, procurei registrar

alguns momentos que, mesmo estando longe de traduzir o universo de riqueza e diversidade cultural de uma feira, tentam revelar aos olhos do observador distante ao menos o mínimo de uma beleza tão peculiar.

Olhar a feira sob uma perspectiva tradicional: mangairos,





verdureiros, fumo de rolo, rapadura, doce no quilo, meninos vendendo sacolas confeccionadas à mão, utilitários de couro e barro, linha, agulha, corda de sisal, galinha viva, balaio de palha, mel de furo, lambedor, cereais "a granel", queijo e goma frescos, cego pedindo esmola, troca-troca, velhinhos conversando e rindo, folhetos e almanaque, viola e pandeiro...

Olhar a feira com os olhos de hoje: conservas, enlatados, equipamentos eletrônicos, peças de automóveis, hidráulicas e elétricas, produtos industrializados, roupas "de marca", sandália "havaiana", tênis "rainha", importados de R\$1.99, carros de som, antenas de TV, fitas K7 piratas, discos usados, gibis, os sucessos musicais do momento, o vendedor de celular em punho, a propaganda do supermercado ao lado...

Perspectivas distintas apenas superficialmente: na feira tudo se mistura e tudo se transforma. De repente encontramos o

lambedor industrializado e as conservas feitas em casa, a rapadura tipo exportação e as antenas de TV feitas com fio torcido, no mais autêntico estilo artesanal. Tem coisa que a gente só encontra na feira. Tem coisa que a gente – por incrível que pareça – também encontra na feira. Tudo isso faz da feira um território marcado pela diversidade e pelos contrastes, sejam eles sociais, culturais ou econômicos. Os tempos e os espaços se cruzam na feira – o passado e o presente, o campo e a cidade, o mar e o sertão, todos estão ali presentes nos alimentos, nos olhares casuais, no jeito sempre à vontade dos feirantes, nos modos, costumes, no interesse curioso pelas novidades.

Apesar da diversidade, da qualidade e da especificidade de certos itens encontrados nas feiras, não é difícil notar que nem sempre são o preço e a qualidade dos produtos os principais motivos que

levam os consumidores a esses mercados livres. O homem da feira geralmente traz de casa o costume – quando consumidor – ou a profissão – quando feirante –, e faz disso um hábito semanal, embora também compartilhe da comodidade e dos preços mais competitivos dos supermercados e lojas especializadas. Os feirantes, principalmente, vivem em função deste comércio específico, tendo em vista sua natureza itinerante, que varia um pouco de acordo com o "grau de urbanização" dos territórios. Em cidades "grandes", ou seja, nas cidades maiores e mais urbanizadas (no caso de capitais, incluem os municípios das respectivas zonas metropolitanas), as feiras acontecem em bairros – geralmente nos bairros mais antigos ou mais "populares" – e sempre no mesmo dia da semana. Assim, para cada dia da semana é possível que em algum lugar de Natal, Recife ou João Pessoa, por exemplo, haja uma feira livre funcionando. Já em cidades

menores, nos municípios e distritos mais afastados dos centros urbanos, as feiras livres são parcialmente fixas, pois alguns comerciantes – geralmente os que comercializam carnes, legumes, frutas e verduras – vendem ali seus produtos todos os dias da semana. Mas a feira completa continua seguindo o mesmo calendário semanal, e é só no "dia da feira" que a reunião está completa. Aos vendedores fixos (geralmente moradores da cidade), juntam-se os itinerantes, os visitantes, os fregueses, os que estão ali só a passeio... e com eles uma infinidade de produtos das mais diversas regiões.

Caminhão, caminhonete, até carro menor serve para o transporte da mercadoria, para não falar no carrinho de mão, que tanto serve para trazer a mercadoria, expô-la para venda ou mesmo levar as compras daquela freguesa que mora mais pertinho da feira, rendendo ainda



um trocado para o carregador. Ou na bicicleta, que em muitas cidades do interior constitui o principal e mais eficiente meio de transporte – barata, funciona sem combustível e quase todo mundo pode usar; quem tem uma é dono de um bem praticamente comunitário. Nas feiras livres dessas cidades existem espaços especialmente reservados a elas. Neles qualquer um pode comprar, vender consertar, equipar, incrementar ou trocar a sua bicicleta por um modelo mais conveniente. E pode também ir à feira de bicicleta e “estacioná-la” ali, onde sempre vai haver um menino pronto para tomar conta do veículo, por um trocadinho, é lógico.

As feiras são lugares sonoros por natureza. A reunião pública e gratuita de muitas pessoas em torno de dois objetivos muito próximos – vender e comprar – não poderia resultar em outra coisa que não fosse música. E a música da feira é a reunião de todos os sons, todas as vozes em gritos, pregões, frases cantadas, somadas às músicas dos alto-falantes, dos carros de som, dos gravadores em último volume tocando as fitas K7 que estão à venda, gente conversando, gente se encontrando, gente pondo o assunto da semana em dia..., vozes das quais conseguimos distinguir poucos fragmentos:

“ — Compre goma pra sua sogra! Agrade sua sogra, que eu não agradei, perdi meu marido, e olhe só onde eu vim parar!”

“ — Um limão, três limão, um limão, três limão, um limão, três limão...”

“ — Quem quiser comer mato, venha pra cá!” (*vendedor de alface*)

“ — Picolé do gostosinho, do coco e do amendoim...

— Ei, tem picolé de água?” (*conversa entre o vendedor de picolé e um velhinho que ia passando*)

“ — Olha o verde, olha o verde!” (*cheiro-verde*)

“ — E eu aqui conversando, perdi foi o marido!

— Agora foi pior! Inda mais que tá com o bode no braço!!!” (*vendedora e freguesa conversando, quando uma dá pela falta do marido que saiu com a carne de bode*)

— Dê uma esmola pro cego taxista de Igapó, que foi assaltado e furaram os dois olhos dele! (*Fala do próprio cego, sentado sobre um caixote, no meio da feira*)



Juntas, elas revelam um discurso quase cifrado, muito peculiar e até desconexo a quem se coloca de fora do espaço, mas também muito rico e significativo a quem participa dele. Para nós que chegamos de fora ou mesmo para o comprador distraído, a feira parece ter uma linguagem própria, a linguagem dos números, dos múltiplos e frações de reais, sejam eles escritos ou anunciados verbalmente no grito. Mas um pouco mais de atenção nos leva a perceber que ali também existem vozes que induzem a um diálogo marcado pela troca de experiências, afirmando ciclicamente uma afinidade cultural e social, pois o homem, ao tentar vender seu “produto”, convida o outro a conhecê-lo, e estranhamente, mostra-se a si próprio também, não como parte do produto, mas como garantia – pelo testemunho, pela experiência, pela sua “marca” de narrador – de que vale a pena adquiri-lo.

Convém ressaltar, aqui, as palavras de Walter Benjamin ao



afirmar que “a experiência passa de pessoa pra pessoa e é a fonte a que recorrem todos os narradores”², lembrando ainda os dois tipos arcaicos de narradores a que o autor de refere: os sedentários e os viajantes, representando respectivamente o saber do passado e o saber de lugares distantes. A interpenetração desses dois grupos de narradores resultaria na “extensão real do reino narrativo”³. Fala ainda Benjamin que durante o trabalho manual – atividade mecânica que suscita a distensão psíquica do indivíduo – as narrativas contadas e assimiladas perduram a fundo na memória, tanto dos contadores quanto dos ouvintes. Transpondo o mesmo raciocínio para o espaço contemporâneo da feira livre popular, não precisamos andar muito para encontrar narradores em potencial de todos os grupos: itinerantes, sedentários, mestres e aprendizes na arte de contar e ouvir estórias, já que nesse sentido estamos em um espaço interativo, onde ambas as vozes têm riquezas equivalentes em experiência e memória. Encontramos também algumas atividades intimamente associadas ao trabalho manual de que fala Benjamin: mulheres fazendo crochê, sentadas ao lado das suas bancas, outras debulhando feijão verde... teriam elas algo para contar?

Tivemos nas feiras por onde andamos a sensação de esbarrar de frente com personagens muito parecidos aos de Benjamin, os narradores que o autor julgou extintos, sufocados pela revolução

industrial, pelas sucessivas transformações que atingiram as sociedades ainda no início deste século. De lá pra cá muito ocorreu, e muitas outras pequenas revoluções alcançaram – ainda que distintamente – todas as classes sociais. Mas ainda assim, em meio ao povo, sempre com “suas raízes no povo”⁴, entre as coisas de ontem e de hoje, com um pé na tradição e outro no presente, parece que eles estão ali – parece que sempre estiveram ali –, seja no Alecrim ou em Currais Novos, na cidade ou no interior. E estão ali em dia, horário e endereço certo: dia de feira, onde “de um tudo” a gente encontra...

* Este trabalho resulta de visitas esporádicas, desde dezembro de 1997, às feiras do Alecrim e das Rocas (ambas em Natal/RN), onde comecei a anotar em caderneta as minhas primeiras observações, e de visitas posteriores, quando registrei as imagens e os fragmentos de diálogos, pregões e demais falas que se seguem — 16-10-98, na feira do Alecrim, e 19-10-98, na feira de Currais Novos, respectivamente nos municípios de Natal e Currais Novos, Rio Grande do Norte.

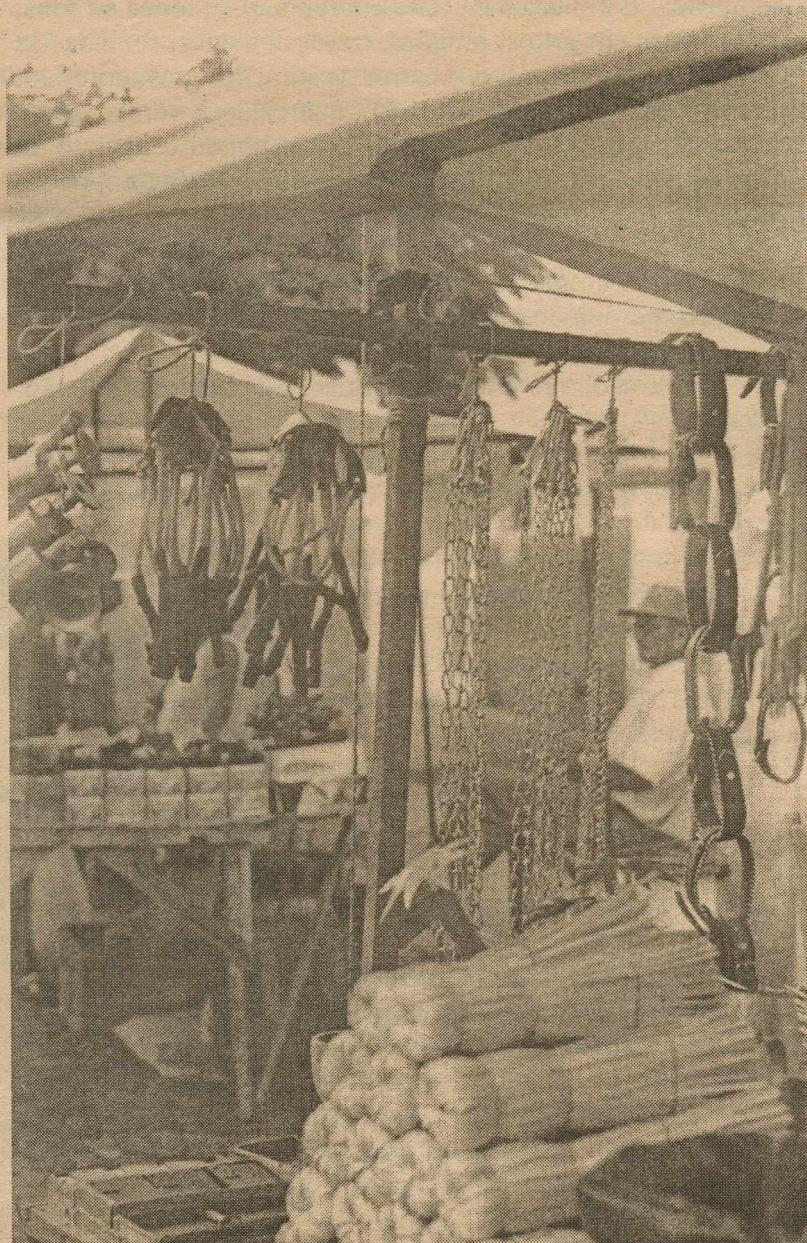
1. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal da Paraíba.

2. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. V. 1.* Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985 [1 ed.], p. 198.

3. Idem, p. 199.

4. Idem, p. 214.

Ana Claudia Mafra da Fonsêca é doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba e mestra em literatura brasileira.



Alguns destaques literários de 2000



Caio Flávio Fernandes de Oliveira

Muitos títulos foram lançados no decorrer deste ano que passou; porém, um álbum artístico/histórico e três trabalhos de pesquisa da história do nosso estado me chamaram à atenção pela qualidade do conteúdo e suas utilidades práticas para a nossa memória cultural e acervo bibliográfico do RN.

O álbum Canto Heróico, com arte e texto do artista plástico e poeta Dorian Gray Caldas, editado pela UFRN e Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte é um épico retratado em mural, poema e desenho da vida e do martírio de nossos raríssimos heróis. Todo o episódio político, desde a conspiração, julgamento e condenação de Frei Miguelinho, o martírio de cunhaú e um breve registro da vida e morte de André de Albuquerque é recriado com a sensibilidade e o talento de suas mãos criadoras e mente acurada na pesquisa e no garimpo do detalhe histórico. A obra é completada com o mural "A chegada de lampião a Mossoró"; que revela uma temática regionalista, de cores densas e vivas, tão profunda na obra integral do nosso artista maior.

A parte poética da obra que forma uma bela simbiose com as telas revelam todo o talento e sensibilidade de Dorian, que considero o mais completo artista do nosso

estado. Ninguém melhor do que ele para tecer, através do domínio da palavra, um aperitivo de sua obra:

Da execução fez-se o pranto.
Da morte fez-se o grito.
Da exceção fez-se o crime
que transcende este registro.

Da dor fez-se o lamento
e mais que o lamento
fez-se visível a verdade
e a necessária liberdade.

Esse álbum de Dorian merece ser comprado, lido, admirado e sempre que possível relido. É uma dádiva dos deuses.

Caldas, Dorian Gray
Canto heróico: Arte e texto/ Dorian, Gray Caldas - Natal: Edurn Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, 1999 152 p. ISBN 85-7273-107-5
1. Pintura.2. Caldas Dorian Gray.
2. Pintura- Rio Grande do Norte
RN/UF/BCZM 00/09
CDD 750
CDU 75

Outro trabalho importantíssimo para a memória cultural do estado foi o livro ORADORES, de autoria do pesquisador Jurandyr Navarro.

Contém uma biografia e antologia dos grandes oradores do Rio Grande do Norte durante o período de 1889 a 2000. Um trabalho minucioso, que engloba discursos de todos os matizes e correntes: Polí-

ticos, médicos, criminalistas, párocos, escritores, poetas nos mais diversos acontecimentos e circunstâncias da nossa história.

O governo do estado do Rio Grande do Norte, através do Departamento Estadual de Imprensa encontra-se de parabéns por editar e patrocinar tão importante obra para o acervo bibliográfico do estado.

Navarro, Jurandyr
ORADORES, Rio Grande do Norte (1889-2000): Biografia e Antologia/ Jurandyr Navarro - Natal: Departamento Estadual de Imprensa,2000. 701 p. - 26cm.

1. ORADORES -RN-2. Biografia-RN.
1. Título

A Prefeitura Municipal de Natal, através da Secretaria Municipal de Turismo patrocinou a edição de outro grande título - 400 nomes de NATAL, lançado para a comemoração dos 400 anos da fundação da cidade. Sob a coordenação da jornalista Rejane Cardoso, foi constituída a seguinte equipe de pesquisa e redação:

- Deílio Gurgel
- Manoel Onofre Junior
- Jardelino Lucena
- Nelson Patriota
- Rejane Cardoso

Durante meses, a equipe se reuniu trabalhando e discutindo o fechamento de nomes, visto que apenas quatrocentos seriam listados, numa correspondência exata ao número de anos de existência da cidade. Não deve ter sido uma tarefa fácil

essa seleção, mas foi muito bem cumprida; pois encontramos no referido título figuras representativas de todos os segmentos da nossa sociedade.

É um trabalho importante e oportuno, que servirá para orientar todos àqueles que forem pesquisar o perfil do nosso povo, e que ficará como um registro perene de resgate e memória daqueles que fizeram parte da nossa história.

400 nomes de Natal / coordenação editorial

Rejane Cardoso - Natal (RN) -

Prefeitura Municipal do Natal, 2000.

832 p.

1. Biografia - Rio Grande do Norte.2. Rio Grande do Norte - História. 1. Cardoso Rejane.

FJA/BPCC 2000 - 36

CDD 920.09813

CDU 92(813.2)

Para um escritor e poeta nada mais gratificante do que escrever sobre a sua aldeia, sua gente, seus monumentos e a sua história. Foi isso que fez com leveza e competência o escritor Nilson Patriota em seu mais recente livro intitulado - Touros uma cidade do Brasil.

No livro, ele aborda com riqueza de detalhes todos os aspectos geográficos, como: vegetação, solo, relevo, hidrografia e população; além do dissecação histórico, político e administrativo do Município de Touros, sua Pasárgada emocional.

Gostaria de transcrever as palavras introdutórias de Nilson, para que o leitor tenha uma idéia da obra e da dimensão poética do autor:

Inútil a pretensão de buscarmos a perenidade das coisas passageiras, como um homem ou uma cidade, pois a luta contra o esquecimento é sempre inglória.

Implacável, o censo comum vai nos abrindo os olhos para a falácia e a inutilidade de todas as coisas.

Mas, conquanto o desânimo acabe substituindo os ideais e os sonhos que preencheram nosso dia, mesmo os mais exequíveis, dos quais nos servimos para nos abstrair das frustrações

inerentes à vida, é preciso que reajamos contra o tédio e o pessimismo que, como o tempo, a tudo destrói.

Acredito que este trabalho, assim como os demais analisados estejam catalogados em todas as bibliotecas públicas do estado.

Caio Flávio Fernandes de Oliveira, norte-rio-grandense, é autor dos romances *O último coronel* e *Sertão bravo*, e do inédito *O velho pescador*.

Poetisa Olda Avelino

Gilberto Avelino

Sobre Olda Avelino disse o eminentíssimo escritor Rômulo C. Wanderley, in *Panorama da Poesia Norte-rio-grandense*:

"Olda Avelino pertence a uma família milionária de talento. Seu pai, o prof. Emídio Bezerra da Costa Avelino, um dos mais ardorosos provisionados da advocacia da região em que viveu. A sua genitora chamava-se Maria Irineia Pinheiro Avelino.

Olda Avelino exerceu o magistério primário. Macau muito lhe deve, não só pelos serviços prestados ao ensino, como também pela sua participação em todos os movimentos literários da cidade".

Acrescento: talento e sensibilidade, agregados em direcionamento do verso e da palavra. Admirável oradora, a todos comovia, pela ternura e pelo saber. De palavra, evidentemente encantatória.

Tinha o soberano domínio do verso, que os elaborava, na plenitude e densidade da religiosidade e do seu lirismo. Lírica e mística, por excelência, musicava a sua bela poesia, levando-a aos altares da Igreja, a que, a todos momentos, com extrema devoção, servia.

Dai, eu haver proclamado:

*Sustentam a casa no espaço
Rijas hastas de âncoras.*

*As suas cores não cansam,
os cantares não cessam,
não desaparece esta casa
nos caminhos do tempo,
posto que se alicerça
em fundas e puras lembranças.*

Da lírica e mística poetisa, tipificam-se, exemplarmente, os sonetos que se transcrevem:

Meu pai

*Morreu meu pai. Um grande sentimento
Todo o meu ser profundamente invade.
Minha saudade traduzir não tento.
Minha tristeza definir quem há-de?*

*O pensamento elevo à eternidade,
À eternidade elevo um pensamento:
Santificai, ó Deus, o meu tormento,
Santificai, ó Deus, minha saudade.*

*O pranto, em jorro, a me invadir os olhos,
Sentindo a vida dolorosa e erma,
Olhando o mundo a divulgar escolhos...*

*Ó Deus, ó Deus, cujo poder bendigo,
Amparai-me a existência triste, enferma,
Perdi meu pai, meu verdadeiro amigo!*

Saudade

*A saudade conhece quem perdeu
Um ente carinhoso e idolatrado
E da saudade canta o triste fado,
Quem saudade conhece como eu.*

*Saudade, sentinelas do passado,
Desse passado bom que se viveu,
Tendo da mãe o doce amor sagrado -
Saudade eterno sentimento meu.*

*Caminho onde a esperança não floresce,
Pranto sentido, dolorosa prece,
Queixa constante, cruz a quem me abraço.*

*Minha saudade, eu te traduzo assim:
Da terra ao céu, um poderoso laço,
Que não separa a minha mãe de mim".*

Jamais poderia deixar de colocar, em destaque, este belo soneto, dedicado à "Sinhazinha" (Maria de Jeovah), minha amada tia, que, por mim, além de oferecer-me imensa ternura, devotava, sempre, insossego e vigilância aos meus passos, soltos aos ventos, à poeira, ao rio e ao mar de Macau. Deus a tenha, pois, na Sua altíssima mansão. Ei-lo:

"Sinhazinha"

*De Você não me esqueço, e, entristecida,
Tenho os meus olhos, já sem claridade,
Molhados pelo pranto da saudade,
Que Você me deixou por toda a vida.*

*Estas rimas, que escrevo comovida,
Com ternura, carinho e lealdade,
Traduzem, minha irmã, esta verdade:
Soluços de minha alma dolorida.*

*Aos bulícios, aos gozos deste mundo,
Você indiferente parecia.
O seu desprendimento era profundo.*

*Choro, a pensar nos sofrimentos seus,
Porém espero, num eterno dia,
Rindo estaremos na mansão de Deus”.*

Esta *Coletânea*, sob o título de “*De Olda Avelino, Poesia e Cânticos*,” encarta, também, as partituras do seus hinos religiosos, e fora organizada, com amor, sensibilidade e competência, pelas suas sobrinhas (e minhas irmãs) Violeta, Maria e Gracilde Avelino.

Da grande poetisa Olda, em sua acendrada religiosidade, agrada-me, sobre-modo, ouvir o refrão do *Hino a São Francisco de Assis*:

*“São Francisco, atendei nossa prece,
Elevai nossa voz até Deus.
A vossa alma formosa merece
os melhores favores de Deus”.*

E ao meigo e amado mestre, pedia

*Das eternas paragens divinas,
Onde a glória mais pura se encontra,
Tornai feliz, a terra das salinas,
Abençoaí o povo desta terra”.*

Evidencio: quando, em cismas, percorro os amplos corredores da nossa igreja, imagino ouvir a sonoridade da sua voz, cantando o seu Hino, em louvor às “bodas de ouro” de Monsenhor Honório:

*“Cantai, ó pescadores,
Também sabeis cantar:
A voz do vosso peito
É a grande voz do mar.*

*Em Monsenhor Honório,
Macau tem um tesouro.
Um sacerdote santo,
Que hoje comemora
As suas Bodas de Ouro”.*
Da nossa poetisa, falou-nos Gracilde:

“A poesia e os cânticos de Olda Avelino atravessam o século, iluminando o novo milênio”.

Por seu turno, ressaltou-nos Maria:

“A poetisa comparou a música à voz dos anjos, e que a música está mais perto da lembrança”.

E arrematou:

“Sua poesia e seus cânticos não poderiam ficar esquecidos, nem ignorados pela nova geração. Sua memória está sendo resgatada, para que a poetisa Olda Avelino permaneça, para sempre, nas páginas da história do povo da sua terra, pois a luz do conhecimento, que ela transferiu à sua gente, resplandece, imortalizando-a no coração do macauense”.

E Violeta, a minha outra irmã, em leveza ou delicadeza de flor, elevou-nos o seu pensamento:

“Minha madrinha”

Olda Avelino “tinha o soberano domínio do verso, que os elaborava, na plenitude e densidade da religiosidade e do seu lirismo. Lírica e mística, por excelência, musicava a sua bela poesia, levando-a aos altares da Igreja, a que, a todos momentos, com extrema devoção, servia”.

*teve uma vida pacata,
e sem ambições,
tendo sempre o bem,
como emblema”.*

Afinal, sobrelevo a nível de confissão: certa vez, ao visitar Cascudo, o mestre pediu-me a data do falecimento de Olda, e respondi-lhe, através da palavra escrita: tarde de 19 de novembro de 1965, em Macau. E observei que estava triste o azul dos seus olhos.

Tristes, também, na tarde de 19 de novembro de 1965, eram os ventos, as águas do rio e do mar, da terra da notável poetisa, agora, novamente feliz, pelo ressurgimento da sua voz, cantando no seu Templo, junto à alegria e à fé do seu povo.

Gilberto Avelino, natural de Macau, RN, é poeta. Escreveu, entre outros livros, *O Moinho e o Vento*, *O Navegador* e *Sextante e As Marés e as Ilhas*.



Uma antologia poética e alguns problemas

Nelson Patriota

A exemplo do que fez Ezequiel Wanderley, em 1922, com a poesia norte-rio-grandense, esta seleta de poetas mossoroenses elaborada pelo grupo POEMA - Poetas e Prosadores de Mossoró, em parceria com a Fundação Vingt-un Rosado – não tem a pretensão de ser antológica, isto é, representativa de um certo padrão estético. Mas, ao contrário daquela de Wanderley, peca por falta de rigor crítico que sustente o trabalho de seleção dos poemas. Isto explica porque poemas bons, e até excelentes, se alternam a outros apenas sofríveis, e alguns até medíocres.

Mas é assim toda literatura – há joio em abundância para pouco trigo. Por isso, cabe ao selecionador proceder ao processo de escolha dentro de determinados critérios. Não é o que se verifica em “100 poetas de Mossoró”. Seus critérios parecem ter-se esgotado no propósito único de apresentar um retrato o mais amplo possível da poesia mossoroense, mesmo que em detrimento da nitidez dos escolhidos. Falta, mesmo, um critério – geográfico, patronímico, de assimilação ou adoção etc. – para dar unidade ao conjunto de autores reunidos sob a rubrica “poetas de Mossoró”. Ao optar por esta forma, e não pela mais usual – poetas mossoroenses – os organizadores procuraram talvez enfatizar que o padrão seletivo não era territorial. Em suma, poeta de Mossoró não é apenas o poeta mossoroense, (nascido em Mossoró) mas também aquele que em algum momento de sua vida residiu nessa cidade ou escreveu sobre ela.

Esse conceito excessivamente elástico de escolha explica por que autores como Américo de Oliveira Costa (Macau), Deílio Gurgel (Areia Branca), Raimundo Nonato (Martins), Kydelmir Dantas (Nova Floresta, PB), Crispiniano Neto (Santo Antônio do Salto da Onça), entre outros, estejam lado a lado, sob a mesma rubrica. A falta de um organizador (o expediente não contém qualquer referência a esse respeito) é estranhável, afinal alguém deve ter organizado o livro...

E como coligir trabalhos de cem autores que guardem entre si uma certa identidade é sempre um processo difícil, a opção que restou ao(s) organizador(es) foi aproveitar ao máximo o material disponível. A presença de

poetas bissextos não mossoroenses, como Américo de Oliveira Costa e Raimundo Nonato são os exemplos mais sobressalentes. E o rigoroso Américo de Oliveira Costa é vítima de uma “gralha” lamentável, consignada no seu poema “A Árvore”, em que a palavra cona (sic) aparece num contexto onde naturalmente se trata da palavra coma: (...) Quanta vez, ao tufão, vergou-se, decepada,/ A sua basta cona esplêndida e triunfante!...” Fica o lembrete para correção numa futura reedição.

A antologia atinge seu ponto alto na revelação ou reapresentação de uma poetisa como Helen Ingersoll, de um lirismo contido, elegante, encobrindo uma natureza romântica que se deixa entrever em meio a imagens que parecem saídas de um verso de Florbela Espanca. Como no poema “Eu quero a luz de uns novos olhos”.

*Eu quero a luz de uns novos olhos
Caindo em minha face castigada*

*Para a desarmonia dos meus sonhos
Que se sucedem fora da medida e do tempo.
Para as minhas mãos nervosas*

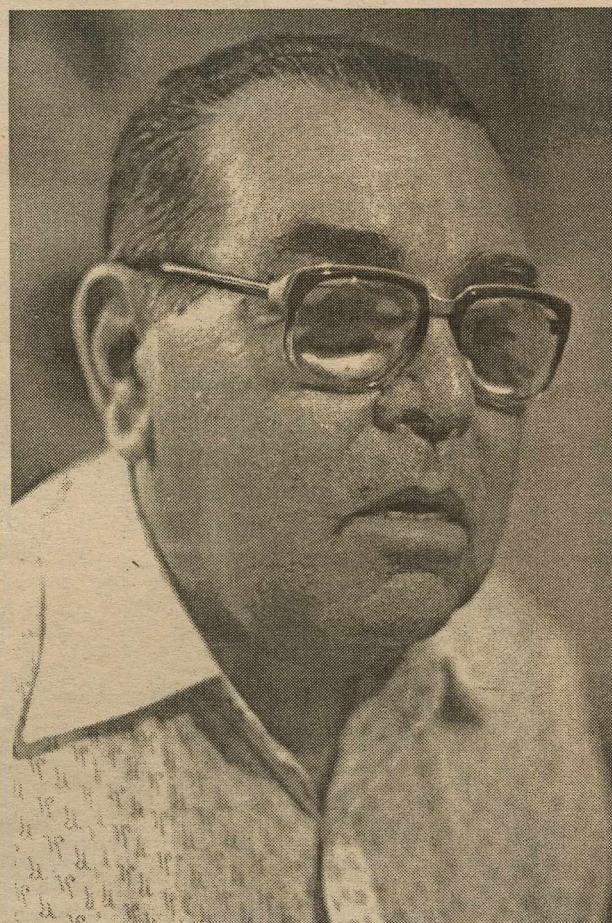
*Que se agitam na loucura de possuir
E de manter o ritmo da vida
Eu quero a luz de uns novos olhos*

*Para a estranheza de minha boca
Repuxada em desejo,
Para o meu corpo que se contorce
Em esgrima desesperada com o Destino,
Eu quero a luz de uns novos olhos*

*Eu quero a luz de uns novos olhos
Caindo no desejo do meu corpo.
Eu quero a luz de uns novos olhos
Marcando um ritmo mágico
Para minhas mãos insatisfeitas.*

Uma inovação bastante positiva em “100 poetas mossoroenses” é a abundância de informações biobibliográficas, assinadas por autores vários, enriquecendo a fortuna crítica de cada poeta. No caso de Helen Ingersoll, por exemplo, há dois textos de Dorian Jorge Freire, um terceiro assinado por Crispiniano Neto e um quarto texto, não assinado, tratando exclusivamente de sua biografia.

Embora não tenha merecido uma apreciação crítica personalizada, como



O escritor e bibliófilo Américo de Oliveira Costa, é incluído no rol dos “poetas de Mossoró”

Helen Ingersool, Aluisio Barros de Oliveira surpreende pelo caráter *naïf* de sua poesia, de um romantismo sem pieguice, o que lhe confere um toque de modernidade. Como em "Imagens que não me deixam".

*A lua na janela vazada da igreja
E eu ali,
Menino de calças curtas,
Sonhando com o mundo e
Passeando nas estrelas
Que se tornavam ainda mais minhas
Quando o meu avô apagava
As luzes da cidade.*

*Eu era – quando menino –
Tão dono absoluto das Três Marias
E do Cruzeiro do Sul,
Que levei-as para a minha solidão baiana.*

*E até hoje,
Quando o dia tenta ser maior
Do que o menino que dorme dentro de mim
Eu fico aqui, limpando os óculos,
Esquecido do mundo e tentando captar as imagens
Que adormeceram dentro de mim.*

A antologia tem ainda o mérito de abrigar poemas de poetas populares que extrapolam o caráter imediatista e transitória do gênero e se firmam como genuína poesia. É o caso de Eliseu Ventania, com sua "Serenata na Montanha" e Crispiniano Neto com seu longo poema que gloza o mote "Quando a água cobrir o Baixo-açu, vai matar muitos pés de poesia".



"A antologia tem ainda o mérito de abrigar poemas de poetas populares que extrapolam o caráter imediatista e transitória do gênero e se firmam como genuína poesia. É o caso Eliseu Ventania e Crispiniano Neto".

liberalidade de seus organizadores comprometeu o equilíbrio da obra, na medida que privilegiou a quantidade e não a qualidade dos poemas. Fica de positivo o esforço de pesquisa em torno dos poetas. Ainda que seja uma virtude menor, nesse contexto.

Nelson Patriota, natalense, é jornalista, sociólogo e editor de O GALO. É também um dos autores do livro "400 nomes de Natal" e tradutor, entre outros, de "Sobre o melhoramento da escravidão", de Henry Koster, e "A questão Jerusalém", de vários autores.

T. S. Eliot

- tradição e talento individual



Hildeberto Barbosa Filho

No clássico ensaio, **Tradição e talento individual** (1920), T. S. Eliot aborda, entre outros, um dos pontos essenciais à problemática poética. Referimo-nos ao tópico da emoção e da personalidade e seus tantos derivados no âmbito da palavra lírica.

A certa altura, afirma o crítico-poeta: "A poesia não é um desbordamento de emoção, mas uma fuga à emoção; não é expressão da personalidade, mas fuga à personalidade. É claro, porém, que somente aqueles que tenham emoção e personalidade sabem o que significa querer fugir-lhes".

Escrevendo sobre o autor de **A terra desolada**, mais precisamente acerca da passagem referida, diz o crítico Edmund Wilson, em seu também clássico **O castelo de Axel** (1931): "Isto era válido, e mesmo no-

bre, em 1920, quando foi publicado **The sacred wood**; hoje, todavia, ao cabo de dez anos de versos despersonalizados e hiperintelectualizados, grande parte deles escrita como imitação de Eliot, a mesma espécie de afirmativa, na boca de discípulos de Eliot, soa como desculpa pela falta de emoção e personalidade".

Pensamos que Edmund Wilson tende a forçar a interpretação do pensamento eliotiano. O crítico particulariza o que é teoricamente genérico ao restringir a validade do argumento à década de 20.

A bem da verdade, T. S. Eliot, ao tocar no problema da emoção e da personalidade, não está raciocinando historicamente, embora sua teoria não desconheça o papel da história, mas, sim, esteticamente. Com certeza, para Eliot, a nobreza e a validade do seu pensamento não pertencem unicamente aquele momento histórico. Postulado teórico sobre o poético, seu pensamento não cede, portanto, às injunções desta ou daquela época, deste ou daquele credo.

O imitar Eliot não significa exatamente uma consequência das suas idéias. Se os "versos despersonalizados e hiperintelectualizados" dos seus discípulos não convencem, a causa não está em Eliot nem nas suas conclusões. Está certamente na falta, não de "emoção e personalidade" a que se refere Edmund Wilson, mas na la-



Além de ter-se firmado como um dos grandes poetas do séc. XX, T. S. Eliot se consagrou como um profundo estudioso da poesia de Pound e Baudelaire, como revela o livro "Selected Prose of T. S. Eliot", editado por Frank Kermode.

mentável falta de talento dos seus discípulos. Aliás o que não é raro entre os epígonos e diluidores de todos os tempos.

A propósito, só para referirmos um exemplo bem perto de nós, veja-se o caso do poeta João Cabral de Melo Neto, com seus inúmeros imitadores de terceira, quarta e quinta categorias. Será que o erro é do poeta pernambucano, ao defender a poesia trabalhada, impessoalizada, objetiva, a poesia fezes em vez de flor?

Ora, quando Eliot assegura que a poesia "não é um desbordamento de emoção, mas uma fuga à emoção", está procurando esclarecer um aspecto nodal da construção poética, isto é, a velha confusão que os "menores" fazem entre poesia e expressão de sentimentos, poesia e pura catarse emocional.

Fugir à emoção não significa rigorosamente eliminar toda e qualquer emoção na tessitura do poético, o que de resto nos parece impossível. Fugir à emoção, de acordo com as linhas gerais das matrizes eliotianas, não é eliminá-la, mas controlá-la, submetendo-a ao imperativo da forma estética que exige a luta com a linguagem.

Quando a emoção desborda, predomina simplesmente a catarse, elemento da experiência artística e literária que, por si só, no entanto, não garante a literariedade. Quando a emoção desborda, o texto poético perde sua "formatividade" (o termo é de Herbert Head), isto é, seu sentido de construção, sua natural intermediação entre sensibilidade, fantasia criadora e palavra. A tendência é o texto se afrouxar, adquirir contornos mais de prosa que de poesia, mais de confissão que de arquitetura. Com isso, a linha do verso é prejudicada e os espaços discursivos se mostram impróprios para os torneios melódicos e a cintilância das imagens.

Ao afirmar ainda que a poesia "não é expressão da personalidade, mas fuga à personalidade", Eliot quer dirimir, de uma vez por todas, o equívoco que faz da linguagem poética simplesmente uma peça autobiográfica, da poesia simplesmente uma fotografia da vida.

Fugir à personalidade, a seu turno, não é eliminar o eu (o eu poético sempre existe, embora não se confunda com o eu do autor), mas não transformar a poesia num consultório sentimental, num relato psíquico.

A impessoalização de que fala Eliot remete para a idéia de um eu, não psologicamente individual, com uma história única, particular, mas para um eu plural, um eu estético, cuja cristalização verbal aponte, não somente para os estreitos limites da vivência individual e subjetiva, mas também para as vastas fronteiras da coletividade.

A impessoalização eliotiana, portanto, não é sinônimo de vazio, de frieza, de puro hermetismo e erudição. Significa, em última análise, a necessidade estética de ampliar o território da poesia lírica. De uma poesia que pode muito bem ser elevadamente poética, para além do soluço, do orvalho e da lágrima.

Por outro ângulo, as idéias de Eliot diluem a pseudo diferença entre o que

alguns críticos nomeiam como uma poesia da expressão e uma poesia da construção. Em outros termos: uma poesia romântica e uma poesia clássica.

Esta diferença, afinal, também resulta inócuia. Inócuia, pelo menos quanto ao raciocínio de base: toda poesia é forma, forma estética. O que pode diferenciá-las é o conjunto dos componentes temáticos, a tonalidade, os princípios poéticos, etc.. Nunca o ponto de origem, isto é, o sentido de construção no tratamento da palavra. Provavelmente algo que se possa traduzir na "fuga à emoção" e na "fuga à personalidade".

Ora, o que Eliot ensina é que nenhuma verdadeira poesia pode prescindir do sentido de construção, mesmo a poesia que adira mais diretamente a conteúdos emocionais. Leitor de Ezra Pound, o poeta inglês não abdica, em momento algum, da idéia preliminar de que poesia é forma, forma emocionada, mas antes de tudo forma. Infelizmente (ou felizmente?), como ele mesmo assinala, só os que têm emoção e personalidade sabem o que isto significa.

Hildeberto Barbosa Filho, paraibano, é autor, entre outros livros, de *A geometria da paixão*, *Ascendino Leite: a paixão de ver e sentir*, *O exílio dos dias*, *Ira de viver e outros poemas*.



Planos de linguagem em A cabeça no fundo do entulho

Maria da Paz Ribeiro Dantas

Uma cidade dentro da outra; tantas urbes quantos são os olhares que as contemplam. Contínuo fluxo. Fio tênuê ligando horas, lugares, aromas, imagens, nomes; projetando-se na memória e já em estado de fuga.

Em fuga...

Eis o fundo comum do qual emergem as três narrativas que integram o livro de Fernando Monteiro **A cabeça no fundo do entulho**: um substrato de movimento, de não-estabilidade, de imprevisibilidade – eu diria até de indeterminação no tocante aos desdobramentos subjetivos que os fatos objetivos podem provocar – uma possível pista para se chegar à essência desse fenômeno romanesco.

Evidente que a estrutura não é a de um romance, como normalmente se conhece. Falta unidade temática. Falta identidade no personagem- narrador (embora ele fale sempre na primeira pessoa, apresenta-se como que em vidas diversas: na primeira estória é um advogado, na segunda é apenas um dos circunstântes presentes ao episódio narrado, na terceira é um ex-marinheiro.)

Seria esse fundo noturno, de imprecisão no tempo, suficiente para dar conta da unidade temática da narrativa, da identidade do personagem- narrador, apesar da alteridade existencial de cada um? No entanto, percebe-se que a linguagem é que comanda o ato criador de Fernando Monteiro, determinando a natureza do tempo e do espaço no tecido narrativo. Isso é observável no episódio em torno do qual se desenvolveu a narrativa do episódio Viva o Atlântico! (a visita do escritor Camilo José Cela ao Recife). O texto faz uso de uma sintaxe visual de caráter jornalístico (o lay-out da notícia da visita, nas páginas de um jornal local) e ao mesmo tempo ci-

nematográfica, ao lidar com o desempenho do olho na leitura da informação.

O terceiro relato, que dá título ao livro, é uma trama complexa de espionagem, na qual várias versões do mesmo fato se entrelaçam. Mas, dessa vez não há a mínima ligação de pessoa, coisa ou nome aos dois episódios anteriores.

Ocorre, no entanto, em relação às duas primeiras estórias, a indagação: a Sandra suspensa no tênuê fio de uma nota de rodapé, no final de Viva o Atlântico é a Sandrine de Átila em Roma, agora num hotel do Brasil? Só que, nesse caso os papéis se teriam invertido: dessa vez, a mulher é quem parte e condena o homem a ficar. Novo encontro, nova situação?

Nada disso parece importar nas narrativas de Fernando Monteiro, onde é mais forte a corrente subterrânea e (às vezes) sem rumo, “a massa permanente do mar, o movimento incessante do mar”, comandando a voz noturna que, de modo intermitente, vai emendando as rupturas no fio das situações reais, nas três narrativas isoladamente e no conjunto que compõe o todo romanesco.

Átila em Roma é a primeira das três partes que integram **A cabeça no fundo do entulho**. Por que o título Átila em Roma e não um outro mais condizente com o enredo da narrativa, como por exemplo Um estranho conto do vigário? Ou (se a preferência fosse por um título mais de acordo com a atmosfera do livro) talvez pudesse ser O cheio no vazio? Porque o texto é isso: uma leve atmosfera que se desprende ou condensa em torno de um compacto miolo em que se conta o seguinte: uma italiana – mais precisamente romana – jovem, bela,



“Nas narrativas de Fernando Monteiro é mais forte a corrente subterrânea e (às vezes) sem rumo, ‘a massa permanente do mar’.”

de classe média e sem muita “classe” recebe um telefonema de um advogado brasileiro (Átila), comunicando-lhe que está indo para Roma a fim de tratar dos trâmites legais de uma herança em quadros valiosos que ela (Sandrine) acaba de receber de um parente há pouco falecido. A coisa se desdobra com a revelação de que a herdeira não pode vender nenhum dos quadros, pois foram adquiridos clandestinamente durante a segunda guerra mundial, provenientes de saques praticados pelo Terceiro Reich.

Dentre as circunstâncias que compõem o episódio central do texto de Fernando Monteiro está a impossibilidade de a herdeira vir a transformar aquele verdadeiro presente de grego na quantia referente à avaliação das obras, ou seja, 3 milhões de dólares.

Existe no texto um plano da realidade, o plano dos acontecimentos vividos. E um outro plano entrelaçado a esse – feito de cogitações, de possibilidades, de coisas apenas imaginadas e que possibilita ao personagem-narrador viajar em sua fértil imaginação, alimentada por um senso de observação da realidade, em que o humor e a perspicácia predominam. Perspicácia que lhe vem, ao mesmo tempo, de certa desenvoltura social e de sua sensibilidade introspectiva, capaz de, por ex., associar a cena erótica, pintada por um maneirista italiano do século XVI, ao que, no momento, aflora em sua imaginação: fantasias, expectativas entrelaçadas num tecido em que se fundem o latente desejo pela futura (ou quase) cliente e a avaliação de sua própria capacidade de convedor de arte, perante si mesmo e em relação aos companheiros do escritório do qual é sócio, no Brasil.

Desdobramentos deste tipo, no plano das analogias, constituem como que um outro nível da narrativa; são esses que vão tecendo o que chamei de *vazio* em torno do *cheio*: uma atmosfera ou – parodiando



“Nas narrativas de Fernando Monteiro é mais forte a corrente subterrânea e (às vezes) sem rumo, ‘a massa permanente do mar’.”

Telhard de Chardin – uma espécie de psicosfera, na qual se condensa toda a visão de mundo do protagonista.

Na condição de profissional da advocacia, freqüentador de ambientes diversos, competente em seu ofício – o que lhe proporciona habilidade de lidar com as situações de fato – é o que se pode chamar de um homem de traquejo social. É esta a faceta mediante a qual lida com as situações do cotidiano e se move dentro da linearidade do espaço imediato e do tempo cronológico. A outra faceta do personagem – a do indivíduo psicologicamente nostálgico e capaz de introspecção – é a vertente mais interessante porque abre espaço mais vasto para uma mordacidade voltada para determinados clichês de comportamento (em ambientes sociais, religiosos etc.). Chegando até, de modo um tanto inverossímil (a não ser que o personagem fosse mais

do que um diligente advogado, embora perspicaz e sensível) a ironizar as metáforas que D. H. Lawrence, H. Miller e outros escritores empregam ao tentar descrever o ato sexual.

Em momentos como esse, o leitor é levado a pensar não tanto no domínio do romancista sobre a linguagem, mas considerar que, em determinados momentos, é como se a linguagem o tomasse, levando-o além de um controle puramente consciente das formas habituais de expressão. Observei isso na página 69, onde uma súbita interrupção no diálogo entre Átila e Sandrine dá lugar a um imprevisto salto de perspectiva; e os fatos que constituem a situação imediata, palpável, sofrem a invasão do espaço interior do personagem narrador, que passa a se ver na segunda pessoa:

"- Sandrine, eu vou ter que fazer uma cípia disso, e você não vai me impedir.

Então uma italiana jovem se lança sobre você como um diabo macio mas for-



"O ser do personagem-narrador, impregnando de leveza e velocidade a linguagem, dá ao texto uma paradoxal sintonia com o nervo da atualidade".

te, tem umas unhas desgraçadas e se debate com uma fúria linda descabelando-se e você resiste, mas ao mesmo tempo ri, entre divertido e assustado, e ela acaba mesmo levando o envelope, arrebatado nas mãos que não são de gueixa, mas de romana loba determinada".

A interpenetração destes dois planos – objetivo e subjetivo – no tecido da narrativa dá a esta uma grande leveza, também, em alguns momentos, pela imprecisão temporal possibilitada pelo jogo com os tempos verbais, como no diálogo da página 19, em que se misturam o imperfeito do indicativo (perguntava, repetia) e o pretérito perfeito (respondi, fiquei), dentro da mesma situação: o primeiro contato entre duas pessoas que ainda não se conhecem, tateando os primeiros passos de um entrosamento.

O ser do personagem-narrador, impregnando de leveza e velocidade a linguagem (duas das sugestões de Ítalo Calvino para a nova literatura), dá ao texto uma para-

dossal sintonia com o nervo da atualidade. Paradoxal porque, sendo esse nervo inscrito no corpo da linguagem, onde se evidencia, diz-se também nostálgico do Antigo, ou seja, busca raízes no passado arqueológico da civilização da era pós-moderna.

Quem sabe essa leveza venha da superação, no plano estético, de um conflito cultural que se codifica nos dois pólos de uma dialética (sem síntese): a atração física e inconseqüente por Sandrine (a quem ele não ama), beleza vulgar e estranha à Roma milenar (que ele ama); e a condição de outsider em relação a tudo que, nele (*Átila da Matta*), existe de "bárbaro" por não ter um passado aureolado de ruínas históricas (o sobrenome da Matta sobre-carregando de sentido "amazônico" e guarani um prenome que, historicamente, já conota barbárie...).

No segundo relato "Viva o Atlântico", a matéria do jornal, trabalhada a partir de fatos verídicos, contamina o ser do personagem-narrador, dando a sua lin-

guagem uma conotação autobiográfica. Por analogia, podemos pensar que não houve completa ficcionalização da matéria, o que permitiria certa intersecção entre a vida e a obra. O fundo nostálgico, constituindo o tom geral do livro (sem no entanto se prender ao passado), teria a ver com a atração pelo Antigo, motivo recorrente em obras anteriores do autor, tornando essa sua voz noturna uma espécie de alter ego ?

Não vamos trazer aqui a velha questão do to be or not to be. O que é novo nesta obra de Fernando Monteiro é o maior domínio da expressão, de modo especial quanto ao olho do cineasta. Olho capaz de conduzir a mão do escritor no manejo da ferramenta que, nele, é dotada de uma velocidade condizente com a percepção do homem na era da imagem.

Maria da Paz Ribeiro Dantas é escritora, crítica literária e pesquisadora da literatura nordestina contemporânea, com destaque para a obra de Fernando Monteiro

Cascudo vive

João da Mata Costa

Cascudo vive no coração e mente de todos aqueles que conseguiram penetrar em seu Universo. De sonhos, credices, superstições, gestos, arte, ciência e música. Cascudo vive no seus livros. Agora, em boa hora, reeditados por uma grande editôra, a Global.

Na estante, ao lado dos grandes clássicos da humanidade, a *Cascudeana* tem lugar de destaque. Em cima uma jangada convida a navegar por este universo maravilhoso de nós mesmos, onde o passaporte não é necessário. Da *cascudeana* vou retirando algumas pérolas garimpadas ao longo de toda uma vida. Algumas precisam de restauro e nova encadernação.

E o medo de me separar destas relíquias e desaparecer. Eu não resistiria.

No mesmo final de semana, na estante da Gazeta Mercantil vejo o informe da reedição dos *Contos tradicionais do Brasil*. Uma bela edição que irá se juntar a outras cinco da coleção. Leio no Galo matéria muito boa do amigo Roberto Silva - **relembrando uma amizade**, entre dois grandes estudiosos da Cultura Popular e que ajudaram a gente a ser mais brasileiro. Sem querer comparar, Almirante, **a maior patente do rádio**, construiu um acervo maravilhoso, vivendo na metrópole e com ajuda das ondas Hertzianas. Através de seus programas educativos e informativos ele, não só transmitia cultura como solicitava dados em todos os cantos do país. Cascudo, vivendo na província, só podia dispor dos livros, amizades e muita correspondência. Construiu uma obra gigantesca e única.

Agora vou dormir numa tipóia véia verde num canto de muro ouvindo **No tempo de Noel Rosa**, transmitido na voz possante do cantor e locutor Almirante. Parece que estou na década de 50, quando houve um renascimento da obra de Noel. E que beleza, Cascudo lendo oito vezes o delicioso *No tempo de Noel Rosa*, escrito por Almirante. A cada dia é revelada mais uma nova faceta do musicólogo Cascudo. Toda obra de Cascudo, como toda grande arte e ciência aspira à Música. Antes de dormir olho para uma velha fotografia do Cascudo colocada junto à *cascudeana*. Sonho colorido com Cascudo. Ele está na sua casa de pijamas verdes e não escuta quase nada. A comunicação não é prejudicada porque ele também nos ensinou que os

gestos falam mais que as palavras. A casa estava desarrumada mas transmitia uma grande alegria. Ele me mostra uma aquarela colorida inacabada e me oferta. Eu quase desfaleci de felicidade e agora não sei o que fazer com esta preciosidade. Não sei como preservá-la nem como terminá-la, só sei que não vou deixar descolorir. É assim a obra de um grande escritor. Inacabada e vive para sempre em cada um dos seus leitores. Que belo final de semana. Ao som de uma melodia conhecida: vamos comer, vamos beber, vamos sonhar Cascudo.

João da Mata Costa, norte-rio-grandense, é físico, astrônomo e pesquisador de música popular brasileira.



“Série crônicas de José Lins do Rego”

Int., org. e sel. por Nestor Pinto de Figueiredo Jr. - Coordenação de Literatura e Memória Cultural - Divisão de Editoração - Fundação Espaço Cultural da Paraíba - FUNESC

Jorge de Lima e a Academia

José Lins do Rego

NÃO sei porque a Academia não se quis ainda decidir pelo poeta Jorge de Lima.

Sou, por índole e pelos costumes, um antiacadêmico.

Não tenho vocação para a grande vida da nobre associação, mas não a desdenho, com o azedume da raposa de La Fontaine.

É que não possuo nem cabedal nem feitio para a imortalidade. E a imortalidade deve ser enfadonha. No entanto, lamento que um homem da grandeza real de Jorge de Lima lá não esteja, como dos maiores da casa.

Há no mestre Jorge, um dos mais reais homens de letras da minha geração.

É um poeta de poesia que não vive do sucesso de uma escola ou de uma moda.

É da melhor poesia de todos os tempos. É um lírico, com uma força de criação que nos assombra.

Os temas da sua obra são de variedade espantosa.

Ora é o cantor da triste luxuria mestiça, ora um filho de São Francisco que louva o sol as guas, os pássaros e os bichos, para depois nos surgir com a alma a carpir dores imensas, como um David que o pecado desse à lira uma pungente condição humana.

Esta poesia de Jorge de Lima atinge, em certos instantes, uma elevação de cântico sagrado. Aquele poeta, que dera à sensibilidade da Negra Fulô, uma música para o enlevo da carne, transfigura-se em temas patéticos, no louvor a Deus, na mais dolorosa análise da vida.

Vive assim esta grande poesia, nestas alternativas que lhe dão uma importância de verdadeira concepção ontológica.

E não é só este poeta que a Academia ainda não chamou para o seu convívio. Há o romancista Jorge de Lima, que fixou o homem da terra triste, das paixões tremendas, aquele

que em dois ou três romances magníficos contou histórias que nos parecem de outro mundo e que são histórias do chão que pisamos, de gente que vive, de dores que bradam aos céus.

O romance Calunga é a maior tristeza que eu já senti neste mundo. Lá está, nas margens do Mangoaba o homem que para vencer a terra cheia de perigos, devora a terra, come-lhe o barro, como se devorasse a carne e bebesse sangue de inimigos.

Os caetés que paparam a carne do bispo degradam-se no vício de doença profunda.

Jorge de Lima conta esta história que nos asfixia. O poeta que procura a presença de Deus nos homens, vai-nos mostrar a presença de bichos nas criaturas.

Por que então a Academia não o elegeu? Quem merece mais do que ele a honra e a dignidade d'outa companhia?

Acredito na crueldade dos deuses mais até que nas suas bondades supremas. E aí está um sinal terrível da crueldade destes parentes de deuses que são os homens da Academia. A imortalidade, não parece, que no caso da eleição de Jorge de Lima andasse a valorizar o que é realmente para valorizar.

Jorge de Lima, que quer o convívio dos quarenta, deve insistir.

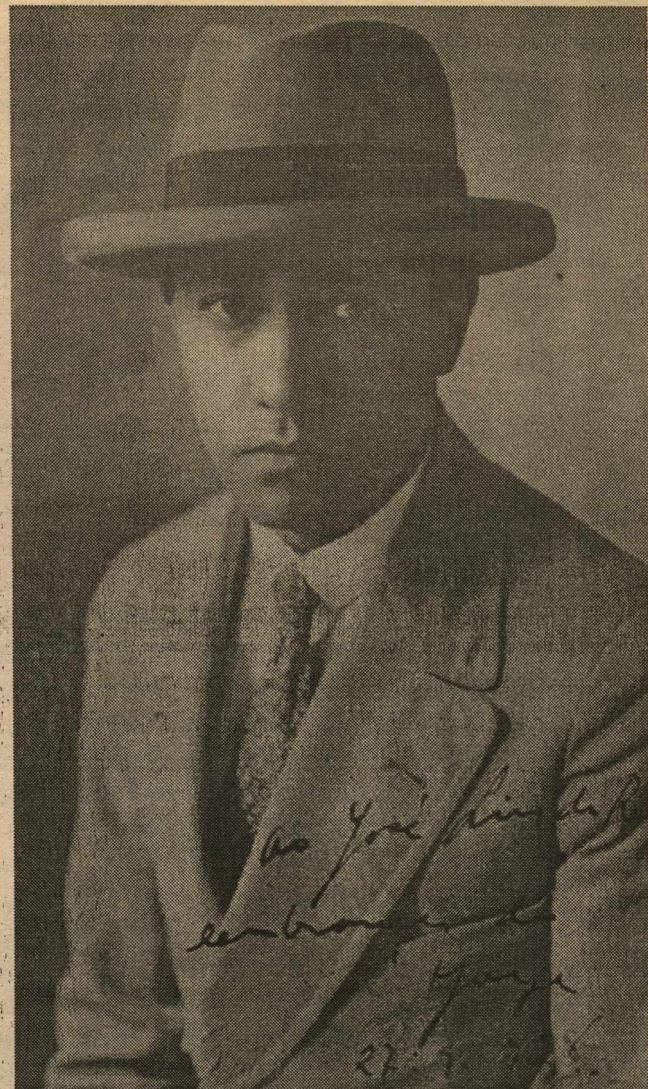
O alagoano merece as honras a que aspira; merece mesmo.

Porque, por mim, com os versos que ele fez, com a prosa que criou eu não desejaria mais outras grandezas.

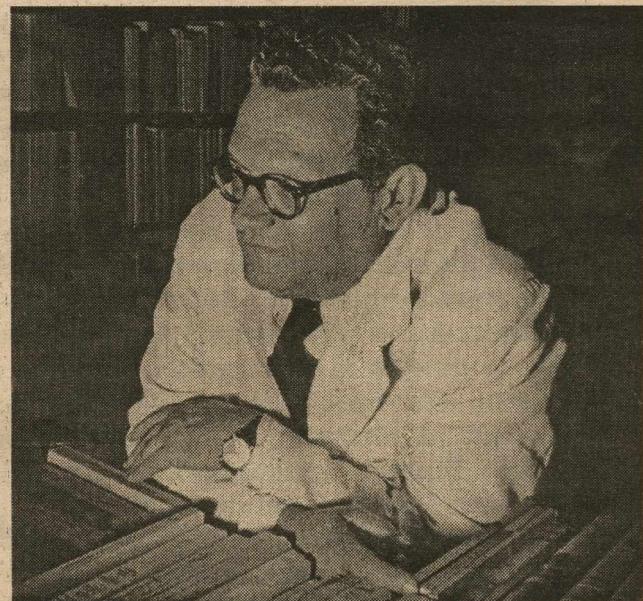
Mas, se Jorge de Lima quer a Academia, não resta à Academia outro recurso digno, senão o de aceitá-lo, como dos seus.

* Repr. de recorte de jornal. Arquivo José Lins do Rego. A Noite, São Paulo, 16 de janeiro de 1945.

NP - Segundo Afonso Arinos de Melo Franco, Jorge de Lima foi candidato (derrotado) por cinco vezes à Academia Brasileira de Letras. José Lins do Rego foi eleito em 15 de setembro de 1955. Tomou posse em 15 dezembro de 1956, assumindo a cadeira número 25 cujo antecessor era o Ministro Ataulfo de Paiva.



O escritor José Lins do Rego na Livraria José Olympio, na década de 50. Acima, o poeta Jorge de Lima em foto oferecida ao amigo. 1928.



NOTA DO ORGANIZADOR

A Coordenação de Literatura e Memória Cultural, através de sua Divisão de Editoração/ Fundação Espaço Cultural da Paraíba - FUNESC, é responsável por este projeto editorial em parceria com o *O Galo*, o qual tem por objetivo publicar algumas crônicas de José Lins do Rego, como parte das comemorações alusivas ao Centenário de Nascimento do escritor.

MARIZE CASTRO

Numa terra em que sempre houve destaque para as vozes femininas, Marize Castro é uma de nossas poetas mais expressivas. No tempo em que funcionou, na Universidade, nos anos 80, o Laboratório de Criatividade, órgão criado para estimular as atividades literárias, tanto na poesia como na prosa, e lamentavelmente de breve duração, de aluna ela partiu para projetar-se como uma das revelações de poeta daquela década, estreando em 1984, com ***Marrons Crepons Marfins***.

Sua releitura mostra ser um livro que surpreende pelo sabor da novidade, pela qualidade da poesia, na qual a sensualidade é a temática de quase todos os poemas, o primeiro a continuar no segundo, e assim por diante, em desdobramentos que buscam a sagrada e a sacralização do corpo.

Do título maroto, de apelo feminino, adornado com uma linguagem muito sua, com seu tenso lirismo erótico, Marize Castro é concisa conforme a exigência do poema, mas tem intimidade e precisão com a palavra que constrói uma poesia de imediata apreensão, diurna, irreverente, e tão flagrante no dirigir-se à emoção como a visão súbita de um quadro. À exceção de seis poemas, dois deles dedicados ao poeta italiano Ungaretti, o despudorado erotismo que celebra ela própria, porque espontâneo e genuíno, nunca sequer se avizinha do deboche ou da pornografia.

Em **Rito**, de 1993, seu segundo livro, compartilhou seu erotismo com outros temas, e afinou sua voz num timbre de elegância, refinamento e sutileza, contrapondo à exaltação sensual do início uma serenidade reflexiva de quem amadureceu sua colheita, e nas suas verdades de hoje há sabedoria, dor e sofrimento, até.

O último, **Poço. Festim. Mosaico.**, o último, título de certa forma enigmático, evolui para uma poesia formal e tematicamente diversa da dos anteriores. Embora em todos os poemas a poesia pare acima das palavras, num estágio de puro fascínio, exige concentração na leitura e transcorre numa camada abaixo da superfície, de interiorização, indagadora na enunciação de um novo universo.

Tão rica personagem de poeta não se esquece dela mesma, e sua poesia é um constante enredamento consigo própria. Antes, apaixonada e contagiente a espelhar seu corpo, agora, entre outros temas, numa atmosfera onde sobressai o ***chiaroscuro***, reescreve e reinterpreta o erotismo, ao lado de um intimismo questionador. Assim, nessa última fase, se não guarda a espontaneidade de ***Marrons Crepons Marfins***, sua poesia é mais elaborada, amadurecida no aguçamento da linguagem. Os versos longos em poemas extensos operam, como num filme, uma tomada à longa distância, que a leitura do poema conduz a um enfocamento de aproximação: o que era a fascinação do desconhecido pelo distanciamento torna-se sedução pelo encontro ansiado.

Para Marize Castro a poesia talvez seja isso: uma dança à beira do abismo. Partir uma só vez para nunca chegar e saber que ***viver é lento, mas a querênciá é urgente***. Sua poesia é essa querênciá de nunca chegar, de estar sempre a caminho, **caminhando certo para a sabedoria dos pássaros**.

Devolva-me a cólera...

Devolva-me a cólera, a lanterna mágica,
que transportei comigo enquanto te amei.
Devolva-me a morte, a doença, a saúde,
o caos, o cais, as âncoras, os segredos,
teus ataques me deixaram forte
teus gozos me atingiram a alma
me fizeram odiar o amor.

Devolva-me a fantasia, as árvores sólidas
plantadas à margem de um delicado homem
que caminhava certo para a sabedoria dos pássaros.

Devolva-me o néctar, o túmulo dos milagres,
a liberdade dos escândalos, os bosques, a lei da botânica,
a letargia da não-paixão,
o doce repouso nas águas da noite.



Marize Castro é concisa conforme a exigência do poema, mas tem intimidade e precisão com a palavra que constrói uma poesia de imediata apreensão, diurna, irreverente, e tão flagrante no dirigir-se à emoção como a visão súbita de um quadro.

quem não ama o deserto assombra

a humanidade. afogada em litanias. cospe sangue. medo e fé.
vísceras sob círios.

conchas guardam a lua e suas fases.
desesperado naufrago se aproxima.
não é homem. nem mulher.
é fúria. hino. salitre. queda.

este caminho é o das palavras e armadilhas.
silenciosa torre que enlaça.
silábica província que aprisiona e liberta.

não é veneno o que ofereço.
é gozo e ternura.

a metáfora do perdão se ergue.
ainda te vejo:

frágil espelho que o destino, pontiagudo, tocou.
secreta tempestade que o amor revela
às damas de abismos e ritos.
até que tudo passe:
fome. sono. desfiladeiros. mortes.

Correio de "O Galo"

São Paulo, 03 de fevereiro de 2001

Escritor
Nelson Patriota,
Editor de O GALO
Natal/rn

Prezado amigo,
Como antigo admirador de O GALO, recebia-o anos atrás regularmente, até que me informaram de sua extinção.

Vejo, porém, através do jornal O ESCRITOR, da UEB de São Paulo, que ele continua ativo. Com os mesmos propósitos e objetivos. Gostaria, por isso, de saber como recebê-lo regularmente.

Atenciosamente,

Clóvis Moura

Obs.:
Caro Clóvis,

Em atendimento a sua solicitação, estamos incluindo seu endereço no nosso endereçário a fim de que O GALO chegue regularmente até você.

Atenciosamente,
O Editor

De: Fernando Monteiro
Para: Nelson Patriota

Olá, Nelson
- meu abraço.

Viva o GALO! - de crista cada vez mais alta, como jornal literário de tradição, sempre brigando a boa briga pela Cultura com "c" maiúsculo.

Woden, você e o Tácito recebam meus parabéns, com mais um abraço de leitor - da crista ao rabo do bravo GALO.

E já que estamos de novo em contato, aproveito para enviar - anexo - um texto INÉDITO da excelente Maria da Paz Ribeiro Dantas, poeta e crítica literária muito séria, autora do melhor estudo sobre a poesia de Joaquim Cardoso (publicado pela José Olympio há alguns anos).

No Caderno 2, de sábado passado (dia 10), ela publicou uma excelente resenha sobre o livro "Umberto Eco - O Labirinto do Mundo", de Daniel Schiffer, da qual envio o link:

<http://www.jt.estadao.com.br/suplementos/saba/2001/02/10/saba007.html>

Bom final de semana!
Grande abraço
do
Fernando Monteiro

P.S.1 - Concordo em gênero, número e grau com o seu comentário sobre "Continente Multicultural". Ou a revista pernambucana se abre para a Região, ou não será lida nas outras grandes metrópoles culturais nordestinas - para azar dela...

PS 2 - Abraço no Woden e no Luís Carlos Guimarães.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2001

Prezado Editor,

De há muito estou para escrever-lhe a fim de dar-lhe conta do prazer meu em ter O Galo todos os meses.

Prazer renovado, pois o consegui através do meu caro amigo Roberto da Silva, de quem muito apreciei "Relembrando uma amizade", no último exemplar recebido.

A excelência desse Jornal Cultural é-me particularmente apreciada - não só por chegar-me às mãos pelo querido amigo, mas, por constatar que o mesmo nada fica a dever ao "Prosa e Verso" do jornal O Globo, do qual sou assinante. Este, vem complementando a edição aos sábados, leitura obrigatória à quem, notadamente, cultua o ler-se, válido, literatice.

Renovo-lhe o prazer de leitora e meus sinceros agradecimentos, senhor Nelson Patriota, em conceder-me esse acréscimo ao meu modesto saber, visto que tão somente sou, autodidata.

Cordialmente,

Rosalina Rodrigues De Vicenzi.

Chapecó, SC 24/02/2001

Prezados senhores,

Recebi e agradeço o nosso conceituado jornal "O GALO" (nímeros 11 e 12) correspondentes aos meses de novembro e dezembro de 2000. Quero lhes dar, mais uma vez, os meus sinceros parabéns pelas matérias enfocadas! O Brasil precisa do "O GALO". Espero que ele seja o eterno despertar das consciências. Um grande abraço

Silvério R. da Costa

Rodolfo Fernandes, fevereiro de 2001

Escrevo para parabenizar pelo excelente trabalho feito com o jornal a O GALO. Sou um leitor deste e gostaria de recebê-lo em meu endereço.

Como o jornal trata diretamente sobre obras literárias e escritores, venho no momento pedir uma informação: como poderia mostrar nas páginas de O GALO um trabalho meu, lançado há alguns meses. Trata-se de um romance policial que se passa nos dias de hoje. Mostro nele uma realidade nua e crua de como nós, nordestinos, vivemos e convivemos com o conflito da cidade grande.

O livro foi lançado pela Fundação Vingt-un Rosado, em Mossoró, e está registrado na Coleção Mossoroense de Livros.

Desde já agradeço a existência de O GALO e espero resposta em breve.

Luiz Kléber Inácio de Oliveira Negreiros
Endereço: Rua Governador Lacerda, 214 - Centro
Rodolfo Fernandes/RN
59830-000

Obs.:

Caro Luiz Inácio, mande-nos seu livro e faremos um registro dele na seção de Lançamento de O GALO. Estamos providenciando também a inclusão do seu endereço no nosso endereçário, a fim de remetê-lo mensalmente um exemplar de O GALO.

O Editor

NOTÍCIAS

Orlando Tejo

O poeta Orlando Tejo lança em Natal o seu clássico "Zé Limeira, o poeta do absurdo", em edição revista. O lançamento vai acontecer na biblioteca do Centro de Convivência do campus universitário da UFRN. O livreiro Luís Damasceno apostava que esse será um dos maiores lançamentos literários do ano, haja vista a popularidade de que goza o escritor paraibano e sua criatura Zé Limeira.

Cinema

De 12 a 19 de setembro terá lugar em Salvador, a 28ª Jornada Internacional de cinema da Bahia. O evento vai homenagear Jorge Amado com um amplo painel programático intitulado "Jorge Amado - Cinema e Literatura", com uma retrospectiva de todos os filmes baseados nos livros de Jorge Amado, mostra de toda a produção audiovisual sobre o escritor baiano e um colóquio internacional sobre literatura e cinema, tendo como enfoque a obra de Jorge Amado. Outras informações sobre o evento no endereço:

XXVIII Jornada Internacional de Cinema da bahia

Av. Anita Garibaldi, 1815 Ed. CME bl. A S1 305 -Salvador, Bahia

Telefone (071) 247-1824 Telefax (071) 247-1823/235-4392

<http://jornadadabahia.cjb.net>

Dozinho

a Editora da UFRN deve lançar ainda este ano um CD com canções do compositor Cláudimo Batista de Oliveira, o Dozinho. O disco, já aprovado pela reitoria da UFRN, trará 16 canções, a maioria remasterizadas de seus fonogramas originais, e algumas inéditas, além de uma cronologia musical do artista, assinada pelo musicólogo Claudio Galvão.

Moacy Cirne

O escritor Moacy Cirne lança no dia 16, na Cooperativa do Centro de Convivência do Campus Universitário da UFRN seu livro *Quadrinhos, sedução e paixão*, editado pela Editora Vozes, de Petrópolis.

ORATÓRIA

Edição do autor
Natal, RN
2000



A oratória norte-rio-grandense ganha finalmente seu retrato de corpo inteiro, graças à pesquisa realizada por Juradyr Navarro, com o livro "Rio Grande do Norte - Oradores (1889-2000)", em suas 700 páginas, a obra reúne exemplos de dezenas de peças de oratória, desde Pedro Velho a Haydê Nóbrega Simões, passando por nomes tão significativos das nossas letras, como José Augusto, Alberto Maranhão, Alvamar Furtado, Elói de Souza, Aluizio Alves, Djalma Marinho, José Melquíades, Cortez Pereira, Moacy Duarte, Diógenes da Cunha Lima e tantos outros não menos ilustres. Dada a amplitude do tema, alguns oradores mereceram que fosse reproduzido mais de um discurso de sua autoria. Além da seleção dos discursos, Juradyr Navarro se deu ao trabalho de pesquisar a vida de cada orador, resumindo-a num verbete que precede o(s) discurso(s). A preocupação com situar historicamente o personagem e seu discurso dá um caráter mais rigoroso ao livro. A seleção de epígrafes pinçadas dos textos selecionados é outra faceta que chama a atenção no livro.

MISCELÂNEA

Edição do autor
Natal, RN
2000



Nelson Leite Rebouças é um desses autores jovens que gostam de fazer experiências literárias confundindo gêneros. Em seu livro de estréia, *Verdades e mentiras*, está presente esse caráter meio anárquico, colocando lado a lado poemas e contos, aparentemente sem conexões intertextuais. A razão dessa manifesta anarquia de gêneros talvez se deva à busca que o autor empreende por seu próprio gênero-poema ou prosa? A prosa tem momentos interessantes, como no conto "Anastácio, ou o pescador que renegou a coroa" é uma fábula que brinca com as fantasias sobre discos-voadores, a partir da óptica de um velho pescador. filia-se, assim, às proverbiais "histórias de pescador", onde a bravata é indispensável. Mas a preferência pela poesia parece indicar uma vocação de uma poética com timbres filosóficos, preocupações existenciais, como no poema-quase-desabafo "Credores da Existência", onde predominam as indagações: "QUANTOS não alimentam de vento os sonhos?/ QUANTOS neste exato momento/ não vão se perguntando/ de quem é este Deus,/ se dos fortes, ou dos fracos?...".

POESIA

[Som das Palavras]
Natal, RN
2000



O político Nelson Freire se nega a assumir-se poeta. Há uma evidente e excessiva modéstia nesse gesto cauteloso com que o poeta se apresenta em seu livro [Som das palavras], lançado há pouco. Mesmo assim, é compreensível, uma vez que a poesia quando nascida concomitantemente com a música vira canção, e perde algo da autonomia que toda poesia reivindica para si. É que a poesia se pretende auto-suficiente, e algumas vezes o é. A canção seria algo intermediário, uma arte híbrida, resultando, em parte em música, em parte poesia. Mas não há como negar que muitas canções populares têm o status de poesia, ou seja, podem ser lidas independentemente de seu adorno melódico. As canções de Nelson Freire, o compositor popular já consagrado na voz de dezenas de intérpretes, também tem essa propriedade de bastar-se como leitura. Aliás, suas letras de música partem justamente das coisas que lhe estão mais próximas, o que confere ao que ele faz um status de fidelidade máxima à sua cultura. Trata-se de uma obra que se afirma por si só, poética, apesar de destinada originariamente ao canto.

POESIA

Coleção Literatura
Paraibana Hoje
Parába, JP
2000



O moderno conto paraibano tem em Aldo Lopes um dos seus nomes mais novos, mas já plenamente reconhecido. Não se trata mais de uma promessa, afinal um autor que já publicou três volumes de contos, exígues que sejam, não pertence mais ao campo das virtualidades, mas da concretude. E a leitura de "As estátuas de sal" confirma a opinião que começa a se expandir para além da Paraíba em torno do contista. O tecido de sua prosa, onírica por excelência, encontra nas lembranças da infância um respaldo indispensável à sua criação. Nos contos "Arcofris" e "Escapulário", "Era uma vez um domingo", "Velório" e "Arquivo" é sempre um menino que lembra, quase sempre em tom de espanto e, por vezes, assombro. E aí percebe-se claramente os retalhos de infância que o autor costurou numa prosa compacta e rigorosa para resgatá-las à luz da idade adulta. Mas as surpresas não param por aí. Aldo Lopes reserva uma surpresa no fim do seu livro: uma paráfrase do capítulo do Gênesis que narra a destruição de Sodoma. Não é estranho que o conto seja, portanto, narrado no feminino, o que lhe confere um entorno feérico que vem da noite dos tempos.

POESIA

Agência Goiana de
Cultura P. L. Teixeira/
Instituto Goiano do Livro
Goiânia/GO
2000



Estudioso da Ca-bala e da demonologia, o goiano Dilermando Vieira é um exemplo de autor polígrafo: estudioso do espanhol e do inglês, tem dezenas de prêmios literários conquistados em vários estados brasileiros, é autor, enfim, de uma vasta obra, que inclui contos, novelas e poesia. Em "Os labirintos do novelo" Dilermando revela um pouco as diversas facetas da sua multiplicidade de interesses literários e existenciais. O livro começa às avessas - uma concessão à modernidade - e termina com um canto à Alba. No entremeio, um Livro das Denúncias, um Livro da Esphinge e uma Canção de Amor e Morte, paráfrase a Rilke. O canto de abertura "Agora & na hora de nossa morte", abre com um poema em francês que declara, à moda Indiana, que "L'homme c'est la parole de Dieu/ La parole de Dieu c'est la vie, c'est la mort./ Dieu c'est l'éternité,/ La vie et la mort, Sont la même chose". Um dos poemas do Livro da Esphinge revela um pouco da visão de mundo do poeta: "Em toda a minha vida/ nada fiz/ senão fazer./ Toda a minha vida/ foi galope de um galo/ e seu canto/ fazendo a manhã ser".

DEPOIMENTO

Kelps
Goiás, GO
20000



Este é um documento singular na literatura brasileira: uma entrevista que ganhou as dimensões de um livro de mais de 200 páginas, justo com um autor avesso a entrevistas. tudo começou com umas poucas perguntas que Giovanni Riccardi, professor de literatura espanhola e portuguesa da Faculdade de Bari, Itália, enviou a Bernardo Élis. As perguntas foram se avolumando, demandando detalhes sobre isso, sobre aquilo, o que levou o escritor goiano a falar sobre si coisas que talvez nunca tenha pensado falar. Daí que essa edição de *A vida são as sobras*, com texto organizado por Lino Curado e apresentação de Enid Yatsuda Frederico, reconhecida como uma autoridade na obra de Bernardo Élis, é leitura fundamental para quem se interessa pelo trabalho do autor de *O Tronco*. Entre as revelações de *A vida são as sobras*, há dados preciosos sobre a vida familiar de Bernardo Élis, mas também reflexões sobre a relação do escritor com as palavras, com sua própria obra publicada, em relação àquela em perspectiva, as fases do seu processo criativo, etc., além de rico material iconográfico.

Carnaval

Dorian Gray Caldas

Estandartes.

Sambas-enredo. A história do Brasil
Reinventada.

Cisnes brancos alçam seus pescoços longos
por sobre a multidão.

Branco nos cordões das baianas.

Alegorias que descem as ladeiras?
(paetês, pós dourados
falso brilho das escolas)

uma corrente no seu corpo nu e negro.

Livres os seus pés que sambam
ao ritmo dos trombones e tremulam
nas asas de uma borboleta gigante.

Dorian Gray Caldas é artista plástico,
poeta e crítico literário. Escreveu, entre
outros, *Os dias lentos*, *Canto Heróico* e
Artes plásticas no Rio Grande do Norte.